

TIAMAT-WORLD APRESENTA:



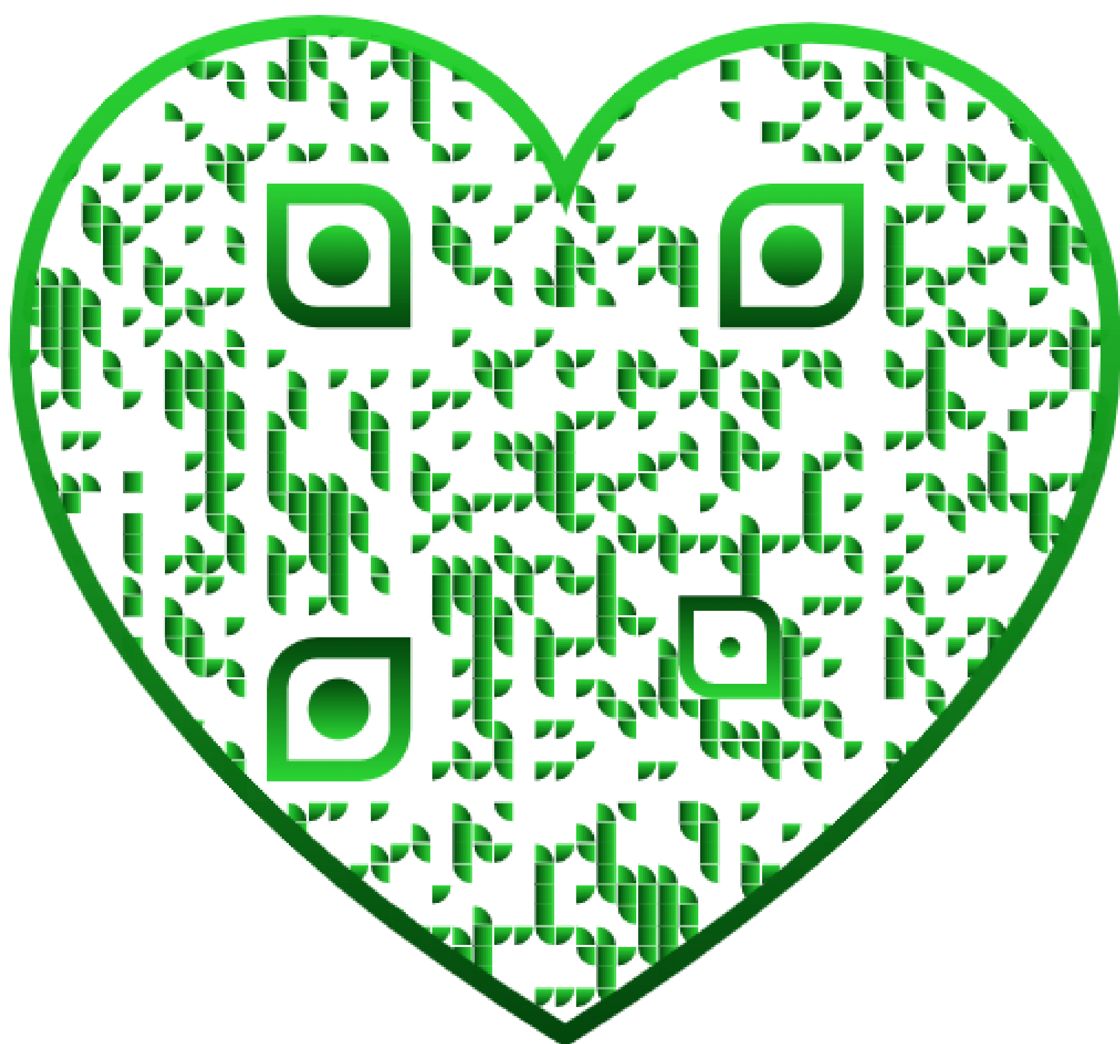
A Sorte de Hannah

(Lora Leigh)
(Antologia Men Of Danger)

REVISÃO DO INGLÊS
Envio: **Gisa**
Tradução e Revisão Inicial: **Denise Ferreira**
Revisão Final e Formatação: **Táai**
Imagem: **MarciaDaltro**
TIAMAT-WORLD

Resumo:

Quando alguns ladrões tentam entrar em sua casa, Hannah Brookes, professora de um jardim de infância, é afortunada ao ter o xerife Rick Grayson ao seu lado. Sobretudo quando a atração mútua que sentem fazem que percam a concentração.



Comentários

Comentário da Revisora Denise: gostei do livro porque é curtinho e romântico...

Comentário da Revisora Táai: AMEI! Quer um hot bom, com ingredientes emocionais e um bom enredo? Esse é o livro!

Prólogo

RICK GRAYSON olhou para o caixão que estava sobre o estrado posto no centro da sala de estar da funerária. Lamentadores se apertavam em volta da sala, paravam perto do caixão, sussurravam suas condolências e, em seguida, afastavam-se, inseguros, hesitantes diante do silêncio dele.

Todos lamentavam a linda, vivaz Sienna Grayson, exceto o marido e o amigo que ela traiu. Agora ela estava tão bonita como nunca esteve, talvez mais bela na morte do que nunca esteve antes. Seus longos cabelos castanhos escuros encaracolados desciam envolta de seus ombros, contrastando com o calor surpreendente contra o vestido branco que sua família escolheu para ela usar por toda a eternidade.

Seus olhos castanhos estavam fechados, os longos cílios baixados sobre seu rosto. O maquiador da funerária contratado pela funerária fez um excelente trabalho. Sua pele não estava com o tom branco da morte, ao invés disso estava com um brilho dourado morno. A bala que entrou na frente do pescoço e arrancou metade do rosto dela não era visível em nenhuma parte. Não havia como notar com um olhar rápido o que fizeram com ela.

O estrago que ele fez.

Ele a encarou. Sua esposa traidora e mentirosa. A mulher que vendeu seus amigos, sua família, seu marido e o filho por drogas. Pelas grandes emoções e só Deus sabe quais outras razões ela teve.

Como ele não percebeu?

Olhou para ela, agora percebendo que todas as pistas estiveram lá, mas ele não percebeu.

Ele sabia que alguém estava traindo os agentes enviados para Alpine, Texas, no encalço de um grupo patriota terrorista. Ele suspeitava que a história toda tivesse começado no seu escritório, e ele esteve investigando isso por anos, mas nunca soube a extensão daquilo.

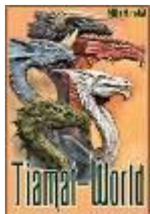
Sua esposa e seu vice, o traíram.

Como ele viveu ao lado de alguém tão mal e não notou aquilo? Ele quis saber. Como algo tão maldoso como a mãe da criança que agora dormia em uma cadeira no canto da sala? O filho deles dois, Kent.

Rick olhou para ele, viu a paz no rosto do menino, e não pela primeira vez, notou que a morte da mãe mal o afetou.

Ele voltou a olhar sua esposa. Sienna. Adorável, mentirosa, assassina Sienna. A cidade estava em luto por ela como de um herói tombado dignamente. A verdade sobre sua morte e o sequestro de outra mulher, foi tão profundamente escondida que muitas vezes até ele se perguntava o que havia acontecido exatamente.

Só um punhado de pessoas sabia a verdade. Que conheceram sua mulher e seu vice, Hershel Jenkins se envolveu com um grupo de milícia tão sanguinário e poderoso que mesmo as agências policiais dos Estados Unidos não foram capazes de chegar até eles. Ele levou com a equipe de homens assassinos para pegá-los.



Ele continuou de pé ali, olhando-a. Tentou entender por que ela viraria nada mais que uma prostituta para um pequeno grupo de homens poderosos que achavam que podiam determinar quem era ou não era americano.

Um grupo de homens que sequestraram, caçaram, estupraram e assassinaram aqueles que eles miraram e sua esposa ajudou a eles.

Ele não podia acreditar. Ele não podia acreditar que não suspeitou dela. Que ele não pudesse ter percebido. Que de algum modo passou.

Prostituta de cocaína. Foi isso que escreveram no relatório antes de um dos agentes federais, reorganizar e arquivar a papelada no caso.

Sua esposa foi uma prostituta da cocaína.

Ele quis sacudir a cabeça. Queria negar aquilo. Ele não queria aceitar que não viu aquilo. Ele não podia acreditar que os anos de treinamento, os anos como um xerife, ensinaram tão pouco que ele não suspeitou dela?

Ou ele suspeitou?

Ele até foi surpreendido no dia do sangramento, quase histérico Rory Malone deu a ele e aquela equipe de homens — mortos — a informação que amarrou tudo junto? Ele não quis acreditar, mas ele agora notou que apesar do seu horror, do seu choque, ele não negou aquilo.

Alguma parte da sua mente já tinha aceitado que havia algo de errado com Sienna. Havia algo faltando. Ela não foi uma esposa por anos, mas ela se recusou a se divorciar dele. Ela ameaçou mais do que uma vez de tomar seu filho, e determinada a fazer da vida de Kent um inferno se Rick se divorciasse dela.

Um dia ele se convenceu que era uma ameaça vazia. Que ela não prejudicaria Kent. Agora ele sabia o monstro que ela realmente foi, e ele agradecia a Deus por sua irmã ter criado a criança de Sienna.

Mas isso não aliviou sua culpa. Seis agentes federais morreram ao longo dos anos por causa das informações que ela deu para a milícia. Uma era uma jovem mulher. Caçaram ela como a um animal, brutalizada, torturada. Estuprada.

Sentiu como se sua alma se separasse de seu corpo ao pensar no que aconteceu a ela. A ela e as outras mulheres. Esposas. Mães. Irmãs. Mulheres cujo único crime era a cor de sua pele. Elas eram mexicanas ou descendentes de mexicanos. E foram punidas por isso do pior modo. Por sua esposa.

Ele ainda sentia a vergonha vazia e brutal que queimava suas entranhas como uma marca. Ele podia muito bem ter matado aquelas mulheres. Ele devia ser tão responsável por suas mortes como ela foi, mas ele foi absolvido.

— Papai, estou com fome. — Ele virou para olhar onde Kent estava agora, ao seu lado.

Aos cinco anos, o menino ainda era pequeno para sua idade e ainda incrivelmente inocente. Rick agradeceu a sua irmã por isso.

Mona o manteve protegido por cinco anos enquanto ele trabalhava, porque Sienna estava sempre muito ocupada. Ela sempre tinha muitas coisas a fazer, como planejar eventos, compromissos no cabeleireiro, almoços e jantares com seus amigos. Ela não tinha tempo para seu filho assim como não teve para seu marido por anos.

Ele agradeceu a Deus de novo.

— Venha. — Ele estendeu a mão para seu filho, apertou os dedinhos e foi para a porta da funerária.

— A mamãe vai voltar? — Kent perguntou quando saíram da casa funerária.

— Mamãe não vai voltar, meu filho. — Ele disse enquanto caminhava para o carro estacionado do outro lado do estacionamento.

Kent não disse nada, mas Rick não esperava o que ele disse. Quando abriu a porta da caminhonete e levantou a criança para pô-la no banco do carro, Kent olhou para ele solenemente.

— Papai. — Ele disse baixinho.

— Sim, meu filho? — Rick cruzou o cinto de segurança em torno do assento do carro.

— Eu estou feliz.

— O quê? — Rick olhou para ele, a surpresa correndo por ele de novo. — Você está feliz com o que, Kent?

Kent olhou de volta para ele, seus olhos castanhos, assim como os de Rick, sombrios e de repente muito adultos.

— Estou feliz por que a mamãe não vai voltar.

Rick sentiu o sangue subir em seu rosto, e algo revirando seu estômago o esmagando de medo. Que diabo Sienna fez ao seu filho?

— Por quê? — Rick tocou o cabelo grosso do menino, na esperança de afastar para sempre qualquer memória que fez Kent dizer uma coisa como aquela.

— Porque ela fez a Srta. Brookes sofrer. — Ele disse calmamente. — Eu ouvi ela no telefone, papai. Ela disse que odiava a Srta. Brookes e queria que ela morresse e que ia estrangular ela. Assim como ela estrangulou o meu cachorro.

Ele ia vomitar. Rick engoliu de volta a bile que ferveu em seu estômago e subiu para a garganta.

— O cachorro fugiu, Kent. — Ele disse a seu filho.

Ou ela fez aquilo? Sienna odiou o cachorrinho que ele comprou para Kent no ano passado. E se ela fez alguma coisa a ele?

Kent assentiu com a cabeça.

— Ela disse ao telefone: “Eu vou te estrangular como eu fiz com aquele cão maldito.”.

Rick não corrigiu os palavrões. Ele só podia olhar para seu filho com horror.

— Você não me disse. — Ele sussurrou. — Porque, Kent? Por que você não me contou?

Por que seu filho não confiou nele o suficiente para contar, trazer até ele seus medos?

— Porque papai, — Disse ele calmamente. — mamãe me mandou para a tia Mona, e tia Mona prometeu que ela não iria estrangular ninguém. Agora ela não estrangulará mais filhotes, não é?

Havia uma ponta de medo na voz de Kent, em seus olhos. Rick queria uivar de fúria e de raiva. Deus o ajude. Doce Deus misericordioso, perdoe-me por deixar que aquele monstro tocasse seu filho depois do nascimento.

— Ela não pode ferir mais nenhum filhote, Kent. — Ele apertou a cabecinha com sua mão, prendeu o cinto de segurança, e o abraçou. — Nunca mais, Kent. Nunca mais.

E agora, ele teria que verificar para ter certeza de que ela não tinha machucado Hannah Brookes, também. Porque se ela fez, aquela culpa cairia sobre seus ombros também. Porque Sienna nunca a teria odiado, nunca teria focado nela, se não fosse por ele.

Se ele não a tivesse olhado como não deveria, se não tivesse sido tão descuidado em olhá-la de modo que Sienna percebesse.

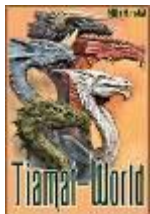
Era sua culpa. Era a sua vergonha. Ele apenas orou para que ninguém pagasse no lugar dele.

Capítulo 1

Dois anos depois

HANNAH BROOKES entrou no estacionamento da delegacia do município de Brewster, e ficou encarando a porta de vidro da entrada.

O calor do Texas tremulava do chão em ondas enquanto o sol quente do deserto emitia seus raios ferozes de verão. Ela literalmente já sentia o calor fora do conforto do ar condicionado do carro e hesitou mais uma vez antes de desligar o motor do carro e sair dele.



Era um típico dia de verão, ela se lembrou. Isso não devia incomodá-la agora mais do que antes. Mas incomodava. Porque aquele calor lá fora a fez lembrar o que a esperava quando ela entrasse naquele edifício e depois no escritório de Rick Grayson.

Ela expirou pesadamente no pensamento, desejando ter um modo de comprar um ajuste de umidade e temperatura para poder contrariar os efeitos que o homem tinha sobre ela.

Normalmente ela era uma professora confiante, segura de si, mas ele a fazia se sentir como uma adolescente em sua primeira paixão.

Ela tinha trinta anos. Não era mais uma adolescente e ela desgraçadamente não devia se sentir como uma agora. Suas mãos não deviam tremer nem seu coração devia pular.

Ela foi casada. Seus dias de virgem ficaram para trás. Ela teve um ou dois namorados depois de seu divórcio. Portanto, por que estava sentada ali como uma idiota que não tinha ideia de como falar com um homem como Rick Grayson?

Provavelmente porque ela não sabia falar com um homem que fazia seu coração palpitar e suas mãos tremerem, ela se lembrou. Nunca aconteceu isso antes, mesmo antes, quando ela era jovem e inexperiente.

— Ridícula. — Ela murmurou para si mesma enquanto desligava o carro, tirou a chave da ignição e abriu a porta.

Levantou-se em todos os seus um metro e sessenta de altura, ela clicou as travas eletrônicas da porta, apertou a bolsa mais firme e caminhou para a porta.

Ela não era uma tola. Seu coração podia saltar e as mãos tremerem, mas ela podia ir com uma muito, muito boa razão para isto esta manhã.

Empurrando pela porta, caminhou direto e de cabeça erguida para a escrivaninha do recepcionista.

— Carl Dee, como vai você? — Ela cumprimentou o oficial sentado atrás da escrivaninha com um sorriso.

Carl Dee sempre era Carl Dee. Ninguém o chamava de Carl ou Dee, era sempre os dois nomes e ele era rápido em lembrar a todos que não o chamassem de outro modo.

— Oi, Srta. Brookes. — Seu sorriso foi ligeiramente torto enquanto passava a mão pelo cabelo vermelho crespo e olhava para o computador em que esteve digitando. — O xerife está me fazendo aprender um novo programa. Salve-me, por favor.

Ela riu da brincadeira provocadora em sua expressão. A filha dele de cinco anos era como ele. O mesmo sorriso, a mesma jovialidade.

— Parece bem complicado. — Ela sacudiu a sua cabeça com falsa seriedade. — Não sei, eu até poderia mexer nisso para você, mas depois o xerife prenderá a nós dois.

— Com o humor que ele está nessa semana, eu não duvidaria disso. Ele está rabugento como um urso com o traseiro ferido saindo da hibernação. — Carl Dee resmungou sacudindo a sua cabeça. — O que posso fazer por você?

Hannah fez uma careta.

— Bem, eu preciso falar com o urso, você acha que ele vai me atender?

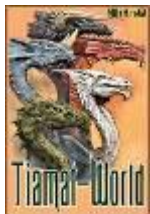
— Pobre Srta.Brookes. — Carl Dee riu. — Espero que você não grite com ele aqui. Ele gritou duro de volta para a última garota bonita que esteve aqui.

Os lábios dela se apertaram.

— Mona esteve aqui hoje?

Mona era a irmã do xerife. Tinha ouvido que os dois estavam sempre gritando e discutindo um com o outro desde que eram crianças.

— De corpo ela é bonita, mas fúria do inferno e puro enxofre corre naquela cabeça. — Ele pegou o telefone na escrivaninha. — Dê-me um segundo aqui e verei se ele já está calmo. — Carl Dee piscou para ela, seus olhos castanhos brilhando com um sorriso quando teclou a linha no escritório do xerife.



Hannah virou e examinou o vestíbulo da delegacia do novo xerife enquanto ele falava. Telhas cinza e assoalhos de ardósia combinavam agradavelmente com as paredes de cor creme pálido. As fotografias do país estavam expostas nas paredes, e as cadeiras na sala de espera pareciam razoavelmente confortáveis.

Arranjos de flores secas do deserto enchiam vasos de metal e mesas de vidro, enquanto uma televisão ecoava silenciosamente em segundo plano.

— Srta. Brookes, a secretária do xerife vai sair em um minuto para buscar você. — Carl Dee chamou a sua atenção de volta para ele. — Basta dar a ela um pouco de tempo para trazer café fresco para ele, assim ele será gentil e educado.

Hannah riu disfarçadamente. Mas lembrou-se de um tempo quando o bom humor do xerife Grayson era normal. Quando ele sorria, e até zombava de alguns. Um tempo antes de sua esposa ser assassinada por terroristas patriotas que eram amigos dela.

— Hannah, como é bom te ver novamente. — Mae Livingston veio pelo corredor, impecável como sempre vestida de calça comprida preta e uma camisa de algodão cinza e saltos de cinco centímetros.

Invejava a figura graciosa da mulher. O cabelo loiro curto roçava o pescoço e o maxilar e emoldurava seu rosto em forma de coração e olhos cinza.

Hannah tinha estudado com seu filho na escola. Ele era tão calmo, tão assustadoramente autoconfiante, como a mãe dele.

— Olá, Mae. — Os perigos de uma cidade pequena, Hannah pensou. Ela sabia quase tudo.

— Venha cá, querida. — Mae enganchou seu braço no dela e começou a conduzi-la para sua sala. — Você está aproveitando o verão sem todas aquelas crianças gritando de um lado para o outro?

As férias de verão haviam começado na semana anterior.

— Ainda estou sentindo falta deles. — Hannah sorriu negando com a cabeça. — Elas são minhas crianças também, Mae. Seus pais levam todos embora para longe de mim durante o verão.

Em parte isso era verdade. Havia dias que ela rezava pelas férias de verão, mas assim que chegava o verão ela sentia falta de todas aquelas mentes jovens e personalidades surpreendentemente hábeis.

— Meu Deus, menina, você devia se casar e ter seus próprios filhos. — Mae disse a ela enquanto seguiam para o escritório do xerife. — Você vai mudar sua música.

Elas ainda riam quando Mae abriu a porta e entraram. Hannah quase estacou, seu pulso pulou ao ver o xerife usando seu habitual jeans e camisa cinza escura, pondo um arquivo sobre a escrivaninha de Mae.

Ele tinha um olhar pensativo e cuidadoso quando seus olhos pousaram em Hannah. O olhar marrom-dourado era desconcertante, sondando, e muitas vezes temia que ele visse mais do que ela queria.

— Hannah. — Ele cumprimentou rapidamente com a cabeça.

— Bom dia, Xerife. — Ela apertou mais sua bolsa. — Como Kent está passando?

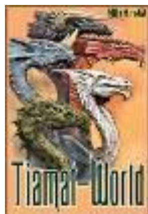
Kent esteve em sua classe dois anos atrás, logo depois da morte da mãe. Ele estava bem ajustado, feliz, alegre. Ele não agiu como uma criança que acabava de perder a mãe.

— Está bem. — Ele respondeu se apoiando contra a escrivaninha de Mae, seu olhar atento. — Mona me intimidou para deixá-lo fazer outra daquelas viagens de verão com ela. Ela o roubou tirando-o de mim há uma hora.

Era uma tentativa de humor, mas ela sentiu uma ponta de descontentamento, mas evidentemente Mona e Kent o derrotaram na votação. Kent era muito encantador e era muito bom em conseguir as coisas do jeito dele.

— Eu espero que ele se divirta. — Ela declarou respirando fundo e lentamente e olhou para Mae. — Eu posso falar com você só por um momento, Xerife? Prometo não toma muito do seu tempo.

Ela não se atreveria.



Ele olhou para ela, seus olhos se apertando como se ela estivesse realmente fazendo uma proposta.

— Venha. — Ele indicou com a cabeça seu escritório. — Você gostaria de café ou um refrigerante?

— Nada. — Ela negou com a cabeça e entrou no escritório.

A porta fechou com força atrás dela, fazendo-a saltar e virar surpresa para ver o brilho que se transformou de pensativo para raiva.

— Inferno, desde quando você me chama de xerife, Hannah? — Ele rosnou caminhando para sua escrivaninha e depois se voltar para ela com expressão sombria.

— Bem, você é o xerife. — Ela prendeu firme a alça da bolsa no ombro e depois cruzou os braços sobre os seios. Principalmente para esconder que seus mamilos estavam endurecendo na presença dele.

A careta dele aumentou.

— Você não me chamou de xerife no verão passado.

— No verão passado tivemos dois encontros para jantar e nunca mais tive notícias de você. — Ela sorriu docemente para esconder que aquilo a aborreceu. Muito. E ele nem mesmo a beijou. Duas noites desperdiçadas, duas semanas perdidas esperando, fantasiando. Por nada.

O desgraçado.

— Então agora somos estranhos só porque não a levei para sair de novo? — Ele parecia mais zangado.

Hannah suspirou cansadamente.

— Não Rick, não estou aqui por causa de um encontro de jantar ou como uma amiga. Estou aqui porque preciso do seu conselho como agente capacitado.

Ele não se moveu, nem sequer respirava. Ele congelou. Ela viu a transformação fascinada. Ele era gelo puro. Seus olhos dourados estavam frios, o rosto inexpressivo, completamente frio.

— De que modo? — Até seu tom ficou frio.

— Posso me sentar? — Ela foi até a cadeira de qualquer maneira, desejando que seus joelhos não tremessem e seu clitóris não latejasse. Santo Deus, ela estava mal ali.

— Você está com que tipo de problema? — Ele respondeu à sua pergunta com outra pergunta.

Hannah acomodou-se na cadeira e o observou silenciosamente por um longo tempo antes de dar um pequeno sorriso.

— Espero que nenhum, Xerife Grayson, a menos que seja violação da lei impedir vagabundos de tentarem invadir minha casa.

A expressão dele descongelou devagar até que a fitou com surpresa.

— Quando?

— Na noite passada. — Ela suspirou. — Chamei nove um um e eles mandaram dois policiais de patrulha, mas quem quer que fossem assim que ouviram as sirenes eles fugiram. Eles estavam quase dentro da casa.

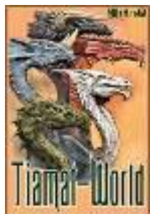
Ela ainda sentia o pavor que a assaltou na noite passada quando foi acordada pelos rosnados de Chilli, sua cachorrinha da raça Pomeranian. Ela não ladrou, o que era a primeira pista de preocupação, porque Chilli era um cão que latia muito. A menos que estivesse assustada. Então ela rosnou. Baixo e profundamente, não deu nenhum latido.

— Chamei nove um um quando ouvi alguém na porta dos fundos. — Ela explicou. — Eles viravam a maçaneta quando os carros da patrulha entraram na rua, com sirenes tocando.

— Você tem um sistema de segurança? — Ele perguntou.

Hannah concordou com cabeça.

— Tenho, liguei antes de ir dormir. Mas a polícia levou quase dez minutos para chegar a minha casa. Eles estavam quase dentro da casa quando os carros da policia chegaram. Eu preciso saber o que mais eu posso fazer para manterem eles fora da minha casa se eles tentarem de novo.



Ela estava com medo. Rick viu nos olhos muito verdes dela. Tão amedrontada quanto qualquer mulher podia estar com o que poderia acontecer. E ele não a culpava por isso.

— Você tem uma arma? — Ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça lentamente.

— Foi do papai. Sei atirar com ela, mas queria deixar de fazer isso. E tenho que estar atenta ao usá-la. Se eles chegarem enquanto eu estiver dormindo e Chilli não os ouvir, então tudo pode acontecer.

Rick pensou na cachorrinha e duvidava que uma leve brisa passasse por aquele cãozinho temperamental sem que ela notasse.

Porém, pensar que alguém tentara arrombar a casa dela, fazia os pelos da nuca dele se arrepiarem em alarme.

— Eu só preciso de alguns conselhos. — Ela inclinou-se para frente, o decote cavado de sua camisa azul-marinho deu uma insinuação da divisão dos seios que daria água na boca de qualquer homem. — Diga-me o que comprar e o que fazer para tornar a casa mais segura e eu farei.

Ele teve que afastar o olhar fixo do alto dos seus seios e se forçou a se concentrar no rosto cheio de inocência

Porra, ela era bonita. Ela não era bela, mas era bonita. Única. O cabelo marrom escuro ondulado caia por seus ombros. Os grandes olhos verdes olhavam o mundo com uma ponta de inocência. Dentes brancos ligeiramente desiguais mordiscavam o lábio inferior mais cheio que instigava um homem a saborear.

Ela o tentava e por isso ele ficou bem longe da porra do caminho dela. Ela o tentava muito, por isso se distanciou dela, ficou bem longe.

Enquanto coçava o queixo ele a estudou pensativamente, suas entranham se apertaram ao pensar no que poderia ter acontecido se um ladrão tivesse conseguido entrar na casa. Ela poderia ser estuprada, assassinada. Aquele sorriso brilhante e o olhar inocente poderiam acabar para sempre.

— Por que não dou uma passada na sua casa no caminho para minha casa esta tarde e verifico coisas, ver o que podemos fazer? — As palavras saíram de sua boca antes de perceber que diabos estava dizendo.

Onde estava se metendo? E que diabos faria com o pau duro latejando dentro da calça agora? Seu pau estava rígido, erguido, pulsando e empurrando o zíper como se tentasse estourar livre para chegar até ela.

Era só isso que ele precisava. Puta que pariu, ele estava louco? Ele conseguiu perder a cabeça em algum lugar desde que acordou naquela manhã?

Então aquele sorriso incrível transformou o rosto bonito e sedutor dela. Misteriosa. Seus olhos verdes brilharam de alívio e respirou fundo. Isso fez os seios se levantarem e fez sua boca ficar seca.

Inferno. Ele gostava daquele sorriso.

— Tem certeza de que não se importa? — Ela se levantou, puxando o olhar dele para o encaixe perfeito de suas formas na calça. A calça não era muito confortável, não muito solta. Apenas o suficiente para mostrar o quadril arredondado e a suave silhueta de seu corpo.

Por cortesia, ele se levantou também, quando teria preferido sentar-se e olhar para ela como um cão faminto.

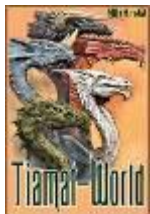
— Tenho certeza que não me importo. — Ele prometeu a ela, ficou parado enquanto ela saia de perto da cadeira para ir para a porta. Ele queira estar atrás dela quando ela partisse.

— Obrigada Rick. — Ela disse suavemente, sua voz tão cheia de alívio como o seu sorriso. — Estou doente de preocupação desde ontem à noite. Não preguei o olho.

— Estarei lá por volta das sete então. — Ele prometeu.

— Eu... Eu posso arrumar o jantar para você? — Sua voz era hesitante como se não tivesse certeza de que devia oferecer.

— Frango frito? — Hannah Brookes podia fritar um frango fabulosamente. Ele teve o prazer de uma amostra em um jantar na escola quando Kent estava no jardim de infância. Foi danado de bom.



O sorriso dela iluminou o escritório.

— Trato feito. — Ela prometeu. — Te vejo mais tarde então.

Estúpido. Estúpido. Ele se xingou por sua língua rebelde e seu pau teimoso. Mas ele ainda esperou até ela se virar e sair da frente de sua escrivaninha.

Ele observou seu caminhar. Os globos cheios e o aperto do traseiro sob aquela calça o fizeram apertar o maxilar.

Ele conseguiu passar por ela quando chegaram à porta, e a abriu para ela, olhando como ela se virava para ele.

— Obrigado novamente. — Ela disse baixinho.

— De nada, Hannah. — Ele fechou a porta naquele sorriso brilhante antes que fizesse algo realmente louco. Algo tolo como puxá-la de volta ao seu escritório e jogá-la de costas sobre sua escrivaninha.

Porra, fazia muito tempo que ele não fodia uma mulher, disse a si mesmo. Mais de quatro anos. Dois anos antes de Sienna morrer e mais dois depois de sua morte. Ele não fez sexo com sua esposa, mas também não a enganou. E depois da sua morte, ele se tornou muito cuidadoso, também estava cheio de uma escuridão onde nada fazia sentido para ele.

Hannah o tirou daquela escuridão. Os dois encontros de jantar que eles tiveram, ele esteve rígido, com fome de algo que não tinha nada a ver com comida, e tirou seu equilíbrio o bastante para fazê-lo se afastar dela.

Além disto, ele conhecia Hannah Brookes. Ele conhecia toda sua vida e ela não era mulher de uma noite só. Rick procurava apenas por umas noites ardentes e um carinhoso adeus, nada mais.

Não haveria nenhum casamento, nenhuma traição, ele se prometeu. Ele também conheceu toda a vida de Sienna, mas ele nunca soube como ela era por dentro.

Ele já tinha arriscado seu filho uma vez já, ele não ia fazê-lo novamente. Sienna pode ter sido a mãe de Kent, mas o monstro que viveu dentro dela foi tudo menos maternal.

Sacudindo a cabeça com a situação ele se voltou rapidamente e foi para sua escrivaninha e sentou-se na cadeira olhando a porta mais uma vez.

Ele não conseguia tirá-la da cabeça. Alguém tentou forçar a entrada da casa dela. Ela era uma professora primária; um assaltante não faria muito ao invadir sua casa. Havia um inferno de casas muito melhores para roubar naquela rua do que sua pequena casa. Isto mostrava outros motivos para tentar chegar até ela. Aqueles motivos enviaram um calafrio por sua espinha.

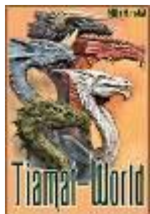
Ele não podia confiar mais em seus instintos com as mulheres, mas não pode deixar de suspeitar que se o ladrão conseguisse entrar, então Hannah não teria sobrevivido à experiência.

Ele podia lidar com uma noite e um jantar de frango frito, ele se garantiu passando os dedos cansadamente por seus cabelos. Inferno, ele sobreviveu a dois encontros de jantar no verão passado, não tinha? Ele não tinha sequer a beijado, apesar do desejo irresistível de colar sua boca naquele lábio inferior ligeiramente cheio.

Ele teve o autocontrole para resistir. Ele resistiu à tentação por quatro anos. Dois anos durante o seu casamento e dois anos depois da morte de sua esposa. Sienna o ensinou os perigos de se entregar, e ele se prometeu que nunca cometeria aquele erro novamente.

Capítulo 2

Rick chegou na casa de Hannah apenas alguns minutos depois das sete e ele teve uma consciência de aço quando a mulher que abriu a porta depois de sua batida firme.



Ela era uma professora de jardim de infância, pelo amor de Deus, ele continuou se dizendo enquanto deslizava o olhar por ela, usava um vestido leve de verão. Ombros descobertos, sandálias de couro bronze nos pés. Ele esperava refinamento, um vermelho ou marrom escuro; em vez disso, ela estava com uma cor de rosa pálido suave que o fez se perguntar se era a mesma cor de seus mamilos.

O pensamento fez seu pau se erguer mais duro, se isso era possível, quando ele entrou na casa. Combinava elegantemente com suas unhas. Aquela pele cor de rosa escura que o deixava louco.

O vestido foi uma estimulação a mais. Ele desnudou a sua pele macia e bronzeada brilhante. Tiras finas e somente um pouco de insinuação da divisão e depois ele fluía como um sussurro abaixo dos joelhos. Não era curto, apertado, ou sedutor, mas tudo aquilo foi destrutivo para ele.

Era feminino, apenas tímido e inocente, com um pequeno toque de glamour.

Porra, ela era boa.

— Verificarei as portas e janelas, verei o que você precisa. — Ele disse, mal conseguindo deixar as palavra saírem de sua garganta. — Eu trouxe algumas fechaduras e algumas outras coisas no caso de você precisar delas.

Ele trouxe uma caixa de ferramentas e comprou tantos parafusos e travas de segurança que daria para reforçar o Forte Knox.

— Obrigado. — Ela murmurou para ele quando ele foi para a porta dos fundos. — O jantar estará pronto em cerca de uma hora.

Ele concordou com cabeça, mas não se atreveu a olhá-la de novo.

— Eles usaram o pó para impressões? — Ele perguntou andando pela cozinha.

— Sim, mas não ouvi nada. — Ela estava atrás dele. Ele sentiu o cheiro de mulher, de mulher sedutora, fragrância picante que acendeu seus sentidos.

— Verei o que posso descobrir amanhã. — Ele abriu a porta dos fundos e foi trabalhar. Quanto mais rápido acabasse, mais rápido ele podia dar o fora dali. Fugir dela. Antes que ele estragasse tudo. E quando Rick Grayson estragava tudo, ele realmente estragava tudo.

***

BEM, sua sorte era tão triste quanto o normal, Hannah pensou enquanto olhava disfarçadamente Rick. O frango estava perfeito, o purê de batatas cremoso e delicado, as ervilhas verdes e frescas e os biscoitos para a sobremesa estavam perfeitos.

Ele ainda estava rígido como uma tábua de passar roupa e falando em monossílabos. Como se odiasse estar ali. E a tensão na sala era tão densa que ela poderia cortar com uma faca.

Ele substituiu os parafusos e as trancas, perfurou com brocas mais profundas para os parafusos, instalou trancas extras na janela, e a instruiu para manter seu celular ao lado da cama e a porta do quarto trancada a noite.

Ela prometeu fazê-lo. Ele concordou com a cabeça duramente e sentou-se para jantar.

Isso a lembrava dos dois encontros que eles tiveram no verão passado. Rígido, formal e cheio de tensão.

Sim, foi a sua sorte. Ela não teve um encontro decente por anos, e mais tempo ainda desde que teve um namorado de verdade.

— Lamento por tê-lo prendido por tanto tempo. — Ela se levantou e começou a tirar o resto do jantar da mesa antes de tirar os pratos sujos.

Ele ainda estava sentado lá, segurando aquela xícara de café entre seus dedos como se fosse uma tábua de salvação ou algo parecido.

— O frango estava delicioso, Hannah. Obrigado. — Ele a olhou, seu olhar fixo nela quando ela voltou para a sala de jantar.

— De nada. — Tudo bem, sua voz saiu um pouco nervosa, mas não desagradável. Ela não foi indelicada, estava apenas ansiosa por ter fracassado nesta noite também.

Ela pegou os pratos e voltou para a cozinha. Os pôs na pia, se virou para voltar para a sala de jantar quando de repente bateu contra um peito largo, duro e musculoso.

O corpo duro de Rick. As mãos dele seguraram seus quadris para equilibrá-la e ela teria que ter ajuda mesmo porque de repente seus joelhos ficaram fracos e sua cabeça rodou.

Ergueu a cabeça, inclinando mais para trás para poder olhar para cima. Ele era trinta centímetros mais alto que ela, mais largo, mais forte, tão masculino que tirou seu fôlego e a deixou tão molhada que com certeza teria que mudar de calçinha quando ele partisse.

Ela estava molhada muito antes de se sentarem para jantar. Ela devia ter se desculpado durante a refeição.

E agora sentia a unidade aumentar, seu sexo latejava forte de desejo.

O que havia neste homem? O que fazia seu corpo ansiar por ele, fantasiar com ele? Por que ela estava tão fascinada por um homem que não a queria...

Seus olhos de repente se arregalaram quando ela sentiu a pesada carne dura contra o seu estômago. Ele estava duro e erguido por baixo da calça jeans.

— Por que está tão surpresa? — Ele rosnou, sua voz mais profunda, mais áspera. — Você percebe o que diabos faz comigo?

A boca de Hannah secou. Negando com a cabeça lentamente, Hannah apertou mais seus dedos nos braços dele, sentiu a carne firme sob as pontas dos dedos e quis saber como seria sentir os dedos dele contra sua pele.

— Você nunca pareceu interessado. — Ela engoliu firme.

— Não interessado? — Suas mãos apertaram nos quadris dela. — Acho que eu apenas ignorei isso.

Os lábios dele se abriram enquanto sua cabeça abaixava lentamente. O olhar fixo preso no dela e à Hannah pareceu que o mundo de repente se movia em câmera lenta enquanto esperava por aquele beijo. Esperou para sentir seus lábios contra os dela, para tocá-lo, para prová-lo.

Acontecia muito devagar e muito rápido. Algo que parecia fora de equilíbrio, não exatamente o que esperou dele.

Uma mão se moveu do quadril subindo para envolver o rosto dela, inclinando sua cabeça para trás. Ela se sentiu incrivelmente pequena, feminina e indefesa contra ele, suas mãos tremeram indecisas antes de pousarem no peito dele.

— Rick? — Ela sussurrou seu nome enquanto os lábios dele roçavam contra os dela, leve como uma pluma, quente, firme.

— Sim, meu bem. — De repente ela flutuou, levantada contra ele até que sentiu seu traseiro posto no balcão e ele se moveu se colocando entre suas coxas e seus lábios avidamente tomaram os dela.

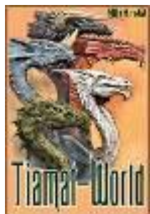
Aquilo não foi nenhum beijo introdutório. Não houve nenhuma suave exploração inicial. Foi uma explosão por seus sentidos. Seus lábios se pousaram muito firmes sobre os dela enquanto a língua dele lambia, acariciara a curva de seus lábios até que eles se abrissem.

Então ele tomou o que quis. Hannah viu-se impotente contra o prazer, apertou os ombros dele enquanto lutava contra as ondas vertiginosas de sensações que corriam por seu corpo.

Ela sentia o pau duro cutucando entre suas coxas. As mãos dele apertavam os quadris dela de novo, movendo-a contra ele, deslizou para mais perto dele até ele projetou o traseiro para frente, o calor pulsante do seu pau atravessou seu jeans e sua calçinha, acariciando com fogo líquido pela boceta dela.

Foi muito, muito rápido. Foi um redemoinho súbito perto do êxtase que roubou seu fôlego. Lutando por controle enquanto a luxúria, a sua fome, enfurecia-se nela, queimando por seu corpo e enlouquecendo seus sentidos.

Ela se perdeu nele. Puxada para dentro de um vórtice que ela não podia parar, que não queria parar. Os seus dedos se afundaram nos cabelos dele, mais longos que já estiveram, grossos e macios ao toque quando o prendeu a ela.



Os seus lábios inclinaram-se por cima do dele, ela lambeu sua língua. Ele bebia em seus lábios enquanto ela lutava para um carinho mais profundo de novo. As mãos dela afundaram contra ele, o caralho duro pressionava seu clitóris e emitindo ondas de puro prazer correr por ela.

Rick não acreditava na fome enlouquecedora que queimava entre eles. Tão rápido. Só o toque de seus lábios contra os dela e a fome feroz tomava o controle, desnudou-o para a necessidade que queimava como fogo na boca de seu ventre, e deixou-o indefeso contra o seu desejo por ela.

Ele nunca teve um beijo como aquele. Brutalmente quente, morrendo de fome, como se aquele beijo alimentasse uma parte dos seus sentidos que ele nunca soube que existia.

Aquilo cortou a desconfiança do passado, gravada dentro dele. Uma parte distante de seu cérebro informava depreciativamente que era porque fazia um tempo demasiado longo que ele tinha fodido. Outra parte dele, uma parte que ele não reconheceu, uma parte muito pouco conhecida como a sombria luxúria que o tentava, incitou-o a possuir, desfrutar, entrar no reino sombrio da luxúria com aquela mulher. Os quais ele sempre evitou antes. Os quais ele nunca tentou conhecer com Sienna.

Pensar em Sienna. Pensar onde ele estava com Hannah, da fome que ela soltava nele que ele não conseguia controlar, era como jogar água fria no fogo.

Ele recuou, soltando-se do beijo, sua respiração áspera, pesada, sua visão nublada quando a fitou. Se ele pensou que a sua visão estava turva, então seu rosto passou daquele ponto.

A confusão e a fome marcavam sua expressão quando ela o olhou, seus lábios abertos e úmidos, o lábio de baixo mais inchado, mais vermelho, tentando-o para beber dele novamente. Trazendo para sua mente imagens tão carnais que ele quase gozou dentro da calça.

As mãos dele agarravam a bunda dela, o seu pau ainda estava pressionado, tão apertado contra sua boceta quanto ele podia ir através das camadas da roupa entre eles.

— Rick? — Ela sussurrou seu nome novamente, ela levantou a mão para tocar os lábios dele, a carícia foi como uma explosão de fome ardente renovada em seu ventre.

Que diabos ele estava fazendo? Ele sabia que aquilo era um erro. Sabia. Agora que ele a beijou, provou seus lábios tentadores, como diabos ele devia simplesmente ir embora?

— Eu poderia ficar. — Lá estava ele de novo, deixando o pau assumir o controle sobre seu cérebro.

Ela piscou para ele como que surpresa. Que surpresa? Ela devia saber aonde aquilo ia levar, assim como ele sabia.

— Esta noite? — Ela ainda respirava forte, pesada.

Suas mãos apertaram a bunda dela se movendo contra ela novamente, sentindo o calor da boceta através da calça, se perguntando se ela estava tão molhada quanto quente.

— Esta noite. — Respondeu ele, deslizando as mãos de seu traseiro para as pernas. Ele empurrou o tecido do vestido para cima das pernas, sentindo a carne de seda, enquanto observava seu olhar ficar turvo de desejo de novo, seu rosto corou com aquilo.

Deslizando as mãos por suas coxas, seus polegares foram a poucos centímetros da dobra aquecida da boceta quando ela saltou, de repente, fechando seus dedos sobre seu pulso quando ele estava perto de seu objetivo.

Ele olhou para a inocência, a incerteza nos olhos dela. Ela não era mais uma adolescente, ela tinha que saber o que ele queria com ela.

— Não é ir um pouco rápido? — Sua respiração ainda estava forte, áspera.

— Nós não somos adolescentes, Hannah. — Ele disse com voz áspera. Ele sentia a situação sair de controle rapidamente. — Adultos não adoçam o sexo. Nós somos adultos.

Ela piscou para ele.

— Oh, uau! Sério?

Os olhos dele se apertaram. Isso não era inocência no seu tom, era pura descrença zombeteira.

— Hannah. — Disse ele, em tom de advertência. Ele não permitiria que ela tivesse nenhuma vantagem. — Nós dois estamos prestes a queimar fora de controle aqui. Não faz sentido negar isso.

— Estou negando alguma coisa?

Não, ela não estava, mas ela não era mais a gatinha no cio que foi quando a beijou. Ela estava recuando, ele sentiu, ela se enrijeceu em seus braços e não era isso que ele queria.

— Não é isso que você quer? — Ele recuou, esperando que ela o parasse. Que enrolasse as pernas em volta de sua cintura e se abraçasse a ele, para protestar contra o frio repentino que ele sentia envolvendo seu próprio corpo. Certamente estava envolvendo a ela, também.

Ele cometeu o erro de olhar para baixo, viu os mamilos duros cutucando contra o sutiã por baixo do vestido fino. Ele quase caiu de joelhos implorando a ela que apenas o deixasse vê-los. Tocá-los. Chupá-los em sua boca e mordê-los como os frutos maduros que sabia que eram.

Ela desceu do balcão. Um rubor cobriu o rosto e o pescoço. Excitação e uma pitada de raiva queimavam em seu olhar.

— Muito obrigado pelas trancas em minhas portas e janelas. — Sua respiração era áspera, e havia uma ponta de mágoa em sua voz.

— Hannah, o que você esperava? — Agora ele estava irritado.

Ele a queria tanto que estava prestes a queimar vivo de tanta luxúria.

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para ele, seu olhar sério apesar da excitação que ainda escurecia seus brilhantes olhos verdes.

— Pelo que eu não sei, Xerife, quem sabe talvez um pouco de romance. — Ela fez um gesto indecisa do que dizer ou fazer. — Uma pretensão de qualquer maneira. — Ela balançou a cabeça enquanto olhava para ele, confusa. — Esqueça isso. Talvez você esteja muito velho para se lembrar do que isso significa.

Muito velho?

— Quantos anos acha que eu tenho? — Ele rosnou, estreitando seu olhar sobre ela com o insulto.

— Sei exatamente quantos anos você tem. — Ela cruzou os braços sobre os seios novamente, escondendo a marca dos mamilos duros. — Eu não achava que trinta e sete anos era velho até agora. Mas se você esqueceu que o caminho para a cama de uma mulher é através de seu coração, então você é mais velho do que pensei.

— Quem disse que eu quero seu coração? O que isso tem a ver com sexo?

Estava fodido...

Ele soube na hora como as coisas seriam. Ele soube no instante que as palavras saíram de sua boca que ele mesmo tinha se ferrado e se afastado direto para bem longe da cama dela.

— Boa noite, Xerife. — Duramente, friamente educada ela se moveu, passando por ele até a porta da cozinha. — Foi muito bom vê-lo novamente, e eu agradeço muito por tudo que você fez esta noite. Mas eu preciso lavar o cabelo agora.

Lavar o cabelo? A pequena descarada. Mentia descaradamente para ele, usando uma das mais antigas desculpas registradas apenas para irritá-lo.

Cerrando os dentes, ele passou por ela, atravessando a casa parando apenas diante da porta da frente enquanto ela vinha atrás dele.

— Se você mudar de ideia...

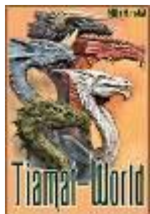
— Se eu decidir que quero uma foda fria e solitária, em vez de um homem de carne e osso, então pode ter certeza que vou chamá-lo primeiro. — Ela prometeu sarcasticamente, seu brilhante sorriso falso quando abriu a porta, convidando-o a sair. — Mas espere sentado. Isso nunca aconteceu em minha vida, e eu duvido que vá acontecer agora.

Os lábios dele se apertaram.

Metade de sua mente dizia para puxá-la para ele, beijá-la novamente, experimentar a inebriante, excitante palpitação de prazer, apenas para ver se era tão danado de bom como ele lembrava. Em vez disso, ele deu um aceno duro com a cabeça e partiu quando ela o convidou a sair.

Finalmente, ele disse a si mesmo. Ele a queria. Ele queria mais do que devia, mas ele que se danasse se deixaria que ela o dominasse pelo pau.

— Boa noite, Hannah. — Ele partiu, ignorando a dor em seu pau e a dor estranha em seu peito.



— Boa noite, Rick. — Sua voz foi suave, e um segundo depois, ouviu a porta fechar atrás dele.

Ele deveria ter sabido melhor, ele se falou. Professora de jardim de infância maldita, ela provavelmente era tão imatura quanto os estudantes dela eram. Ele era melhor. Ele devia ser melhor. Ele tinha certeza que não cometeria o mesmo erro duas vezes.

***

HANNAH prestou atenção até ouvir a caminhonete de Rick sair da calçada pela rua tranquila que ela vivia.

Abaixou a cabeça e fechou os olhos, suspirou fortemente antes de se forçar a sair da porta. Fechou-a com firmeza, ela voltou para a cozinha e as louças que tinha que acabar.

Ela devia saber como as coisas seriam, ela disse a si mesma. Devia ter se lembrado de sua sorte com os homens e mandado ele embora antes de oferecer o jantar, antes de aceitar a oferta dele de verificar a casa.

Ela devia ter se poupado da enrascada de ganhar o melhor beijo de sua vida, para só então perceber que Rick Grayson não queria nada mais que uma noite de sexo.

Engraçado, nunca pensou que ele era daquele tipo de homem. Ele era firme, muitas vezes um pouco irritado desde que a esposa morreu há dois anos, mas isso era de se esperar. Não é?

Ele parecia um homem de família. Honesto. Honrado. Foram essas qualidades que sempre viu nele. Doía demais perceber que se enganou.

Doía demais perceber que ela tinha fixado suas esperanças de estar certa sobre ele.

Ele a fascinava. Ele a atraia como uma mariposa para a luz, e ela não podia querer nada menos que todo seu incrível calor masculino.

A decepção era inacreditavelmente decepcionante. A lembrança do seu beijo a perseguia. A fome por ele levaria um longo tempo para diminuir, sabia isso por um fato. Ela acabava de se recuperar daqueles dois encontros frios no verão passado. Agora isso. Quanto tempo levaria para superar o beijo, a lembrança de suas mãos em sua bunda, seu pau quente e duro apertando com força contra o seu clitóris?

Um pequeno gemido escapou dos lábios dela deixando sua mão escorregar pela barriga até tocar o monte sensível entre as coxas. Seus dedos se apertaram contra o botão do seu clitóris inchado enquanto uma onda quente de desejo atravessava sua boceta outra vez.

Essa noite seria muito longa e solitária, ela pensou. Esperava que tivesse bastante pilhas para vê-la completamente. Porque uma coisa era malditamente certa. Ela não ia dormir de novo até que conseguisse aliviar a pressão que ele atiçou dentro dela.

Sim, isso seria sua sorte, ela pensou, afastando a mão e atacou os pratos. Ela foi deixada fria e solitária. Ele provavelmente foi encontrar alguém para encher a sua noite.

A pessoa que encheria a noite dele não seria ela. Não nesta hoje. Nem nunca naquelas condições. Que sorte a ela. O que se dizia? Azar no amor...

Talvez ela devesse tentar o jogo...

Capítulo 3

Dois dias depois Rick virou na rua de Hannah, seu olhar pensativo, a mente tumultuada enquanto ainda lutava para entender o que aconteceu na outra noite.

Será que tinha passado tanto tempo que ele esteve com uma mulher que já não sabia como falar com nenhuma? Ele passou a maior parte da noite calado. Ele não foi capaz de pensar, falar, entender qualquer coisa além da necessidade que corria por seu corpo.

Agora ele estava de volta, fazendo algo tão idiota quanto o que fez na outra noite. Talvez mais idiota.

Ele morria por uma mulher, mas ele só descobriu nas últimas duas noites que qualquer mulher não o satisfaria.

Ele saiu nas duas noites, com o único objetivo de achar uma mulher por uma noite. E ele poderia ter achado uma. Inferno, podia ter achado vinte se ele quisesse. Não houve falta de ofertas nos bares que ele foi.

Ele teve toda intenção nas duas noites, de partir com uma mulher disposta e passar uma noite cheia de sexo indecente, quente.

Em vez disso, partiu sozinho, voltou para casa e se masturbou pensando numa certa mulher.

Estava assustado demais. Todos os seus instintos de sobrevivência se revoltavam mesmo enquanto ele estacionava atrás do pequeno sedã dela.

Não teve que se obrigar a sair da caminhonete. Antes mesmo que a caminhonete estivesse brecada ele abriu a porta.

Andou com passos largos até a porta da frente, bateu firmemente e esperou. Ela estava em casa. Ele podia ouvir o zumbido da televisão lá dentro e o carro dela estava ali.

Batendo novamente ele pensou com desagrado que talvez ela não abrisse a porta somente para ele. Não que ele pudesse culpá-la, ele foi um asno na outra noite. Ele talvez fosse um asno esta noite.

Ele não queria um caso de amor com ela. Ele não queria uma relação. Ele queria tirar aquela fome por ela do seu corpo, claro e simples. Mas algo dentro dele o avisou que Hannah não seria assim tão fácil.

A porta abriu quando ergueu a mão, seus dedos fechados no punho para bater novamente.

Hannah o encarou com irritação e ele jurou naquele segundo que seu pau se ergueu muito duro, latejando forte enquanto seu sangue começava a aquecer nas veias.

Uma mulher não devia afetar um homem como ele. Fazendo sua cabeça se encher da lembrança do seu beijo, da sensação da bunda dela nas mãos dele.

— O que você quer Xerife? — Ela se encostou de forma descuidada contra o batente da porta, como se o ver ali não a afetasse nem um pouco.

Ele a admirou por sua tentativa, mas ele viu além daquilo. Os mamilos muito duros se empurravam sob o sutiã e sua camiseta.

O rosto dela tinha aquele pequeno rubor intrigante novamente e seu olhar escureceu quando ela enfiou as mãos nos bolsos de seu short e cruzou seus tornozelos. Juntado firmemente suas coxas.

Ela estava molhada. Ela tinha de estar molhada. Quente e doce, pronta para ele.

— Eu pensei em vir verificar e ver como você está. — Ele correu a mão sobre o cabelo enquanto olhava em volta da casa. — Posso entrar?

Ela pareceu pensar no pedido por muito tempo antes de recuar e abrir mais a porta.

Entrando na casa, ele se voltou para ela e observou enquanto ela fechava a porta e se virava para ele indecisamente.

Poderia se mover contra ela agora, ele pensou.

Antes que pudesse se deter, ele fez exatamente isto. Em um segundo a imprensou contra a porta e as mãos dela foram para o peito dele enquanto o coração dela pulsava fora de controle.

— O que você está tentando fazer comigo, Rick? — Ela estava sem fôlego, com fome.

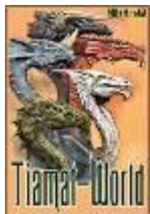
Ele sentia o desejo entre eles tão quente e brutalmente destrutivo quanto um incêndio violento.

— O diabo se sei. — Seus dedos envolveram a cintura dela, a abraçando e admitindo para si mesmo que não podia entender. — Você me deixa louco, Hannah, você sabe disto?

Ele viu quando as ondas dos cabelos luxuriantes ondularam contra os ombros dela quando sacudiu a cabeça.

— Sim, posso dizer. — O tom dela era sarcástico. — Você é tão atencioso, Rick.

Ele fez uma careta lutando para não descer seus lábios até os dela.



— Olha, eu vim para ver se você quer sair. — Ele não queria ir a lugar algum, exceto para o quarto dela. — Jantar. Talvez dançar.

Os olhos dela estreitaram nele enquanto seus seios se moveriam duros e rápidos contra o tórax dele. Ele jurou que podia sentir a impressão dos mamilos através de sua roupa.

— Jantar e dançar? — Ela perguntou devagar. — Você vai falar comigo quando sairmos? Vai agir como se nós não estivéssemos juntos e agir de má vontade como se eu o tivesse forçado a sair em público?

Ela estava pressionando, provocando-o. Havia desafio na voz e no olhar dela que fez todos os músculos do corpo dele se retesar, enquanto seu pau exigia ação.

Há muito, muito tempo. Demasiado tempo que ele esteve com uma mulher, que era tudo para ele. Era por isso que sentia aquele desejo imenso dentro dele. Não era a mulher, não podia ser a mulher. Era o desejo normal por uma mulher e o fato que esteve interessado em Hannah por muitos anos.

— Eu vou falar. — Ele forçou as palavras a saírem de seus lábios. — Nós dançaremos.

Ele se moveu contra ela, puxou-a para aproximá-la ou pelo menos tentou puxá-la para mais perto dele. Ela já estava tão perto dele quando poderia estar.

— Beije-me, Hannah. — Ele abaixou a cabeça e roçou seus lábios nos dela forçando os tremores que queriam atacar o corpo dele recuarem ao pensar em prová-la de novo.

— Rick. — Os lábios dela se abriram contra os dele.

Mas ela não disse: “Não.”.

Ela não pôde dizer sim, mas ela também não pôde dizer não.

Os lábios dele se abriram sobre os dela, a cabeça dele se inclinou quando ele sentiu que o beijo começou a queimar seus sentidos.

Oh, inferno sim.

Os braços dela enrolaram em volta do pescoço dele enquanto se erguia para ele, seus lábios se movendo embaixo dos dele, a língua dela acariciando a dele.

Sensações doces de chamas ardentes o envolveram quando ele se deixou queimar no fogo, por Hannah... Ele precisava disso. Que Deus o ajudasse, ele precisava desse beijo, dessa carícia, os dedos dela no cabelo dele, o roçar do ventre dela contra o seu pau.

Ele precisava do toque dela como precisava de ar para respirar. Se ele pudesse apenas tocá-la por um pouco mais de tempo, prová-la o bastante para saciar seus sentidos, então talvez as noites longas, solitárias que ele passava há muito tempo, deixariam de atormentá-lo.

Talvez ele pudesse encher algumas dessas longas noites solitárias com Hannah.

— Rick. — Ela sussurrou o nome contra os lábios dele. A carícia disto o fez fechar os olhos e lutar para se conter de tomar o que ele precisava dela.

Recuando, ele descansou a cabeça contra a dela, os olhos dele abrindo enquanto dava um sorriso irônico.

— Saia comigo. — Ele sussurrou. — Ou talvez não consiga ir embora sem fazer papel de bobo.

Ele a acariciou novamente o lado do corpo dela, sentindo o pequeno tremor que a percorreu com a carícia.

Ela respirou forte e perguntou.

— Você vai partir meu coração, Rick?

Ele respirou lentamente, quase com pesar.

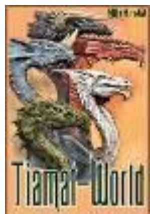
— Só se você me deixar, Hannah. Por favor, não me deixe.

Ela o encarou por um longo tempo antes de concordar com a cabeça e se afastar dele.

— Estarei de volta em alguns minutos. — Ela olhou para ele, seu olhar triste, pensativo. — Eu preciso me aprontar.

— Vou esperar aqui. — Ele prometeu. Ele não iria a lugar nenhum, ainda não, não sem ela.

***



Como impedir que o homem por quem você esteja completamente fascinada parta seu coração? Hannah se perguntou quando acabou seu jantar e se recostou na cadeira para apreciar a taça de vinho que tinha pedido.

Rick estava sentado de frente para ela, seu olhar marrom dourado encoberto, sensual, olhando-a enquanto ela tomava um gole de vinho.

Ele tinha falado. Eles conversaram sobre o seu filho, Kent, e da excursão para o acampamento que o menino fazia com Mona, a irmã de Rick.

— Você foi acampar neste verão? — Rick perguntou tomando um gole de café, olhando-a com aqueles olhos escuros e famintos.

— Ainda não. — Hannah negou com a cabeça. — Meus irmãos ainda não decidiram se podem vir de Dallas com suas famílias.

Acampar era uma coisa familiar para Hannah. Seus pais, seus três irmãos com suas famílias geralmente conseguiam fugir várias vezes no verão e no outono.

— Seus irmãos estão bem? — Dois dos irmãos dela eram da idade dele, o terceiro estava perto o suficiente para eles serem amigos quando eles viviam em Alpine.

— Bem. — Ela assentiu com cabeça. — Eles estão ocupados.

— Todos nós estamos. — Ele suspirou profundamente.

— Eles sempre falam de você. — Ela sorriu. — Quanto mais velho ficam, mais me param para contar o quanto eram selvagens. Você geralmente é incluído de algum modo.

— Salvando suas cabeças de problemas. — Ele disse rindo cheio de prazer.

E era verdade. Ele normalmente dava cobertura para eles ou cuidava deles.

— Você está pronta para ir? — Ele olhou o relógio antes de olhá-la de novo. — Pensei que iríamos dançar um pouco.

Houve uma leve mudança em sua expressão, uma nuance que a assegurou que Rick queria qualquer desculpa para que pudesse por suas mãos sobre ela.

Ele a avisou para não deixá-lo partir seu coração. Ela tinha o pressentimento que foi uma conclusão precipitada.

— Estou pronta. — Ela terminou o ultimo gole de vinho enquanto ele se levantava de sua cadeira e ia até ela.

A mão dele se apossou de sua cintura enquanto saiam pela sala de jantar. A sensação de seus dedos lá, acariciando-a suavemente através do tecido fino do vestido de verão, fez seu sangue correr por seu corpo e seu sexo se encher de umidade.

Ela estava tão molhada agora que deveria dar uma desculpa para ir ao banheiro feminino. Mas ela já tinha ido duas vezes. Ele notaria o que se passava se ela fosse novamente.

Caminhando pelo ar noturno abafado, Hannah teve que se conter ferozmente para evitar sugerir que talvez eles pudessem voltar a casa dela. Ou a dele. Para uma cama. Ela não se importava onde.

Doce céu, mas esse homem tinha um efeito sobre ela que não era fácil combater. Não havia nenhuma dúvida em sua mente que ele ia partir seu coração, porque sabia que ela acabaria caindo apaixonada com ele. Ela já estava a meio caminho disso. Ela esteve por mais anos que queria contar. Ela deveria acabar com isso agora. Devia ir para casa e esquecer que ele a beijou, a tocou. Esquecer que ela o queria tão desesperadamente quanto respirar de novo.

Em vez disso, deixou-o ajudá-la a entrar na caminhonete e o encarou quando sentou no banco, suas pernas ainda penduradas para fora do carro, as mãos dele em seus joelhos, segurando-a no lugar.

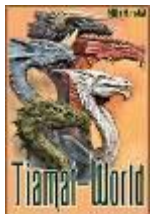
— Eu quero você há muito tempo, Hannah.

Ela o encarou surpresa.

— Você nunca soube? — Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Não. — Ela mal podia falar com o aperto em sua garganta e o desejo que crescia dentro dela. A mão dele em concha envolvia seu rosto, seu polegar esfregava sobre seus lábios.

— Eu tenho... — Sua voz era suave, com um toque de emoção ela não pode pôr o seu dedo. — Eu a quis por tanto tempo e me senti culpado como o inferno.



Ela ficou surpresa. Culpa. Ele se sentiu culpado porque a queria antes que Sienna tivesse morrido. Ela entendia o que ele quis dizer. Mesmo que ela só lhe dissesse que não sabia, ela tinha percebido isso na época, dois anos antes de Sienna morrer, quando Rick levou Kent para fazer a matrícula na escola.

Eles viveram na mesma cidade a maior parte de suas vidas, mas naquela noite ela realmente viu Rick. Seu sorriso, a sensação da sua mão quando ele apertou a dela.

Sienna foi fria, rígida. Hannah teve vários desentendimentos com Sienna durante os anos. Pequenas coisas que realmente não tinham importância.

— Por que você não disse nada? Por que foi tão frio no verão passado? — Ela perguntou. Ele não pareceu nem um pouco interessado nela quando saíram no verão anterior.

— Você me deixa louco. — A mão sobre seu joelho escorregou para baixo do seu vestido, empurrando-o até o alto da perna enquanto sua palma tocava sua coxa. — Você me faz te querer tanto até eu me esquecer de qualquer outra coisa.

Ele quis dizer aquilo. Hannah o encarou, vendo-o claramente confuso, seu olhar atento no rosto dele e percebeu que ele realmente quis dizer aquilo. Ele a queria mesmo.

Ele ia partir seu coração. Era o destino dela, ela não era boa em lidar com homens. Ela até escolhia aqueles que queriam uma relação. Mesmo seu marido.

Seria melhor prosseguir e acabar logo com aquilo? Se dormisse agora com ele, talvez todos aqueles aborrecidos assuntos sentimentais não entrariam em jogo. Talvez pudesse ter prazer de verdade, ter ao menos um sentimento de carinho e ser capaz de vê-lo sair de sua vida sem as repercussões que vieram com o divórcio dela.

Quando o encarou, sentiu a mão dele subir mais para o alto, a cabeça dele abaixou mais. Ele beijou lento e devagar em pequenos goles seus lábios e a mão dela escorregou do peito musculoso para os cabelos. Suas mãos se juntaram na nuca para segurá-lo junto a ela.

Os seus lábios se abriram embaixo dos dele que acariciava sobre eles. Ele a lambeu, um forte gemido de homem fugiu de seus lábios, sem ar, com o prazer.

O desejo quente, líquido fluía por seu corpo. Sua boceta apertando de fome por suas carícias, seu clitóris inchado de desejo desesperado enquanto os dedos deles flexionavam contra suas coxas.

Hannah sentiu suas pernas abrindo involuntariamente. Isso não tinha nada a ver com a sensação de suas mãos apertando contra o interior de suas coxas e a percepção da carícia que viria apenas se ela o deixasse entrar.

Ela se esqueceu de onde estava, do que fazia e os perigos de riscos de amar qualquer homem. Tudo que ela conseguia pensar era naquela carícia, naquele beijo. As mãos dele escorregaram mais para o alto, enquanto seus dedos tocavam a seda de sua calcinha e a puxou para o lado.

A ponta de seu polegar foi para cima da fenda fechada do seu sexo, a sensação daquilo, a sensação disso, a pele dele tocando sobre a carne sensível do clitóris, a fez se contrair num espasmo e um gemido de prazer fugiu de seus lábios.

Deus, eles estavam no meio do estacionamento com as pernas abertas, seu dedo enfiado entre suas coxas, seus dedos pressionando contra o clitóris e ela estava tão quente que estava a ponto de explodir em chamar.

— Jesus, você está molhada. — Ele rosnou contra os seus lábios.

O som foi áspero, profundo e faminto. Fez um tremor percorrer sua espinha e mais umidade cair de sua xoxota.

— Vem cá. — Com um braço envolveu seus quadris, ele a puxou para mais perto da beirada do banco, dando-lhe maior acesso às pregas molhadas que ele acariciava.

— Veja! — Ele cantarolou naquela voz rouca enquanto seu polegar acariciava sua carne molhada de novo e Hannah tremeu contra ele.

A sua cabeça caiu para trás dando acesso aos lábios dele ao seu pescoço enquanto seu polegar esfregava e enviava fogo por seu corpo.

— Rick. — Ela suspirou seu nome novamente. — Alguém pode ver.

Ela se perguntava se ainda se importava se eles vissem. Estava sentada ali e com certeza ela não protestava contra nada que ele fazia com ela. Ao contrário, ela estava a ponto de implorar por mais.

— Ainda não. — Seus lábios deslizaram contra seu pescoço antes dele raspar seus dentes sobre ele. O prazer foi uma pequena picada como uma onda de fogo percorrendo seu corpo.

Hannah lutou por ar quando os golpes entre suas coxas aumentaram. Ele abriu sua carne, ela gemeu contra o pescoço dele e seu coração bateu mais forte quando sentiu a lenta e firme penetração de dois dedos.

Sua respiração era ofegante quando abriu os olhos sonolentos para encará-lo lutando para respirar. Era ótimo. Era um prazer que ela nunca conheceu, nunca pensou que ela ia conhecer.

— É tão bom. — Ela disse roucamente quando ele enfiou mais fundo, retirou e tornou a enfiar os dedos que se moviam eroticamente enquanto ela tentava manter os olhos abertos, para ver o rosto dele, se deleitar com o desejo que queimava em seus olhos.

— Pode ser ainda melhor, Hannah. — Disse ele baixinho. — Muito melhor.

Seus dedos escorregaram mais profundamente ao dizer essas palavras enquanto ela lutava para sufocar um grito de prazer.

— Arruinando outra boa mulher, Grayson?

A acusação irritada e quase infantil congelou Rick em seus braços, retirou lentamente os dedos do calor úmido, enquanto rapidamente abaixava a saia do vestido sobre as pernas dela.

Hannah olhou para trás dele, e reconheceu o rosto furioso do cunhado de Rick, Jay Martinez.

— Temos que ir. — Ela sussurrou para Rick, reconhecendo a fúria que começou a chiar entre os dois homens.

— Nós temos. — O tom de Rick era duro, frio. O homem sensual de segundos atrás foi substituído pelo do guerreiro perigoso e bem treinado que sabia que ele era.

Ele fechou a porta da caminhonete, deu a volta, durante todo o tempo seguido por Jay.

— Você matou Sienna. — Ele gritou direto para Rick. — Você a matou e nós dois sabemos disso.

— Vá para casa, Jay. — Rick abriu a porta da caminhonete e entrou.

— Ele vai matar você também, Hannah. — Jay rebateu para ela, os olhos escuros brilhando. — Você não pode dizer que não foi avisada. Ao contrário de Sienna. Ela nunca viu o tiro vir.

Rick fechou a porta, ligou o motor, e saiu da vaga no estacionamento com mais calma que ela esperava.

— Hannah, ele vai matá-la. — A voz de Jay ecoou atrás dela.

Virando-se para Rick, ela o olhou e viu os traços severos e ásperos em sua expressão agora. O amante havia desaparecido. Agora estava duro e distante. Fechado em si mesmo.

— Ele te culpa? — Ela perguntou, pensando na morte de Sienna nas mãos da milícia que a sequestrou e um de seus amigos dois anos atrás.

— Ele me culpa. — As mãos de Rick estavam crispadas no volante.

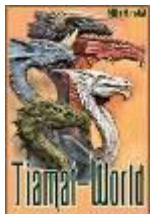
— Jay e Sienna eram íntimos. — Ela disse baixinho. Ela tinha ido à escola com Jay, sabia que ele adorava a irmã mais velha, apesar dela ter sido adotada antes dele nascer.

— Sim.

Estavam de volta aos monossílabos de novo.

Hannah conteve um suspiro e olhou enquanto se moviam pela cidade, se aproximando da casa dela. Ela não queria que a noite terminasse daquele jeito. Esperava que terminasse com um tom muito mais agradável. Um tom muito mais prazeroso.

Parecia que mais uma vez Hannah Brookes estava destinada a passar a noite sozinha.



Capítulo 4

Sienna foi morta por membros de um grupo de terroristas que saqueava os imigrantes ilegais mexicanos assim como aqueles que imigraram legalmente e nasceram nos estados.

Eles eram uma milícia purista branca que raptaram várias vezes suas vítimas, as caçavam e os matavam por meios de torturas tão apavorantes que Hannah teve muitos pesadelos depois de ler as noticias nos jornais há dois anos.

Muitos daqueles membros de milícia eram conhecidos e confiáveis membros da comunidade. Um assistente de xerife, o prefeito, o diretor do banco, o dono de uma fazenda local. Ela ensinava aos filhos de muitos daqueles homens na escola, e viu como as vidas de suas famílias foram destruídas com o golpe das notícias.

Sienna Grayson e Sabella Malone foram raptadas pelo grupo quando os terroristas descobriram que o amante de Sabella tinha achado evidências contra eles em uma das caminhonetes que estavam na garagem e as levou para as autoridades.

Em vingança, a milícia raptou Sabella e a esposa do xerife. Sienna não sobreviveu. Quando os agentes federais chegaram ao grupo, Sienna foi morta.

Foi uma tragédia. A comunidade se virou com força para chorar com Rick. Embora muitos deles pessoalmente não gostassem de Sienna, parecia que todo mundo gostava muito de seu xerife.

Ele era um bom homem, Hannah pensou enquanto seguiam pela cidade. Ele era um bom xerife. Em todos os anos que ele esteve no cargo nunca houve uma única brisa de escândalo ligado ao seu gabinete.

Mantinha sua vida, tanto a privada quanto a pública gritantemente limpa. Se Rick Grayson tinha um segredo vergonhoso, e ela tinha certeza que ele tinha, então eles foram enterrados tão profundamente num arquivo confidencial que ela duvidava se alguém o acharia.

Chamá-lo confidencial era um eufemismo. Mesmo antes da morte de sua esposa, Rick não era do tipo chorão ou o homem que dizia seus assuntos a todos. Após sua morte, ele parecia ainda mais fechado. Mas Hannah se surpreenderia se ele não tivesse se fechado.

— Sinto muito sobre isto, Hannah. — Sua voz era um sussurro aveludado na noite escura quando falou. — Pelas coisas que Jay pôs na cabeça e que não há nada que o convença de outra maneira.

— Coisas como o rumor que você atirou em sua esposa? — Ela perguntou, notando o pequeno tremor nele ao ouvir suas palavras.

— Sim, coisas assim. — Ele baixou os ombros, como se o peso deles fosse uma carga.

— Jay sempre foi ferozmente protetor de Sienna. — Ela declarou. — Eu fui para a escola com ele. Ele nunca deixava ninguém falar mal dela.

Mas muita coisa foi dita. Jay ganhou a fama de um lutador de sarjeta muito novo por causa de sua defesa da irmã dele. Era uma pena ela não ter sido igualmente protetora de sua própria reputação. Mas isso Hannah não podia dizer a Rick.

— Não, ele não deixava. — Rick concordou com um suspiro pesado olhando para ela. — Mas não fiz nada para seu estado de ânimo não é?

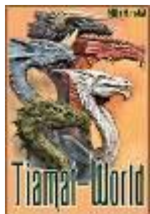
O sorriso que curvou os lábios dele a pegou de surpresa. Ele claramente tentava fechar o encontro e recapturar o calor e a sensualidade que estava entre eles mais cedo.

— Nós poderíamos falar mais sobre isso com uma xícara de café se você quiser? — Ela sorriu quando se virou, um flash de luz capturou seus olhos.

Ela ouviu Rick amaldiçoar enquanto seus olhos se arregalavam e o medo apertava seu peito. Inclinando para frente, olhou para fora da janela, sua garganta apertada.

— Oh, Deus. — Ela sussurrou. — Aquela é minha casa?

Havia carros de polícia na frente do seu quintal, vários na rua em frente de sua casa. A porta da frente estava cheia de policiais e vários já falavam com os vizinhos.



— Espere, Hannah. — Rick ordenou parando a caminhonete e estendendo a mão para ela, agarrando seu braço quando ela tentou descer da caminhonete. — Vamos ver o que aconteceu primeiro. Fique aqui.

O tom autoritário em sua voz a fez permanecer imóvel e calada por vários segundos preciosos enquanto ele saltava do carro e corria para a porta.

Ela já tinha aberto a porta e começava a sair do carro alto quando ele agarrou sua cintura e ajudou a descer até a calçada.

— Vamos ver o que está acontecendo antes de tirarmos conclusões precipitadas. — Ele a advertiu.

Hannah concordou com a cabeça, agradecida pelo braço dele quando envolveu suas costas, puxando-a para ele.

A sensação de segurança que a envolveu acalmou os tremores que começaram a percorrê-la, mas nada podia acalmar o medo que apertava seu peito e sua garganta.

— Xerife, você a encontrou. — Um jovem oficial do quintal da frente foi na direção deles. Sua expressão interessada quando Rick parou, segurando as costas dela.

— Ela estava comigo o tempo todo, Policial Johnson. — Rick informou-o enquanto a mão de Hannah ia para a garganta, o peito apertado enquanto olhava para sua casa.

Era pequena. Não era espaçosa, mas era dela. Considerou o seu bem, sua vida. Era seu refúgio, e agora estranhos andavam por ela?

— O que aconteceu aqui, Policial Johnson? — Rick perguntou, seu tom se tornando de comando.

— Desculpe, senhor. — O oficial saltou em atenção. — Perto das nove horas da noite recebemos a notificação de sua empresa de segurança que o alarme foi acionado e eles não puderam localizá-la.

Ele se virou para Hannah.

— Você tem seu telefone celular com você, senhora?

O olhar de Hannah virou para ele enquanto concordava com a cabeça.

— Notei sua falta hoje de manhã. Eu não o achei ainda.

— Bem, — Ele continuou. — como a empresa de segurança não pode achá-la então fomos chamados. Seu carro estava na calçada, seus pais não tinham notícias de você, então entramos na casa para ter certeza de que você não estava em apuros. — Ele acenou para a porta quebrada fazendo uma careta. — Desculpe, senhora. Foi o único modo de entrar.

— Encontraram alguma coisa? — Rick perguntou começando a puxar Hannah para a casa.

Enquanto os dois homens falavam Hannah sentiu o impulso esmagador de fugir. Ela não queria entrar em sua casa enquanto toda aquela gente estava voando em volta dela. Ela queria que eles fossem embora. Ela queria se trancar e garantir que as poucas coisas que ela tinha estavam seguras.

— Pelo que pudemos contar nada foi roubado. — dizia o oficial. — Deram um pontapé na porta dos fundos. Eles até não tentaram impedir o alarme de tocar. Uhh... — Ele olhou para Hannah. — Seu quarto é o único cômodo que parece ter algum dano.

— Hannah! — A voz de Rick foi aguda quando ela se afastou dele e correu para a casa.

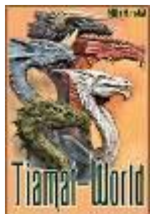
Ela empurrou o policial na porta da frente, os joelhos tremendo, seu coração na boca e correu para seu quarto, ciente que Rick a seguia.

Dano ao seu quarto? Seu santuário?

Ela correu para o quarto então parou dura, morta.

Rick xingou asperamente atrás dela, sua voz perigosa, fria, mas tudo que Hannah podia fazer era olhar humilhada de horror.

Certo, ela não tinha vida sexual ativa. Ela tinha alguns brinquedos. Bem, na verdade vários brinquedos adultos. Um vibrador, um pênis de gel macio e um pequeno vibrador de clitóris na forma de ovo.



O vibrador clitoriano estava pendurado no ventilador ao lado da sua cama, rodando preguiçosamente enquanto ela o olhava com humilhação agonizada por um longo tempo.

O brinquedo em gel na forma de um pênis estava preso no espelho da penteadeira onde a palavra “prostituta” foi escrita com letras maiúsculas com seu batom vermelho. E seu vibrador? Ele estava enfiado nos lábios rasgados do enorme urso de pelúcia sentado numa cadeira ao lado da sua cama. Um presente de um de seus irmãos.

Havia policiais em seu quarto. Eles a olharam, depois desviaram os olhares dela quando ela olhou em volta do quarto queimando de vergonha.

— Como alguém tem tempo para fazer isto? — Rick perguntou, a sua voz tão gelada, fria como pedra de gelo que até Hannah estremeceu.

— Xerife Grayson. — Um homem mais velho vestido num terno amarrotado deu um passo a frente.

— Detetive Dickerson, como diabo alguém teve tempo de fazer isto antes de seus homens chegarem?

— O tempo de resposta entre o assalto e a nossa chegada foi quinze minutos. — Afirmou o detetive. — A segurança tentou telefonar para o número de contado da Sra. Brookes e como ela não respondeu eles nos alertaram. Mas segundo as anotações de segurança, sua senha de acesso foi digitada no alarme uma hora antes do assalto. Por quanto tempo ela esteve com você?

— Mais tempo que isso. — Rick afirmou quando Hannah chocada se virou para o detetive.

— Ninguém tem o meu código. — Ela negou confusa. — Ninguém. Nem mesmo meus irmãos ou pais.

O detetive sacudiu a sua cabeça, seus lábios se apertaram enquanto esfregava sua testa por um segundo.

— Alguém sabia o que diabos estava fazendo então. — Ele disse. — Há dispositivos que podem passar por este sistema, mas um assaltante normal não os tem. Quem quer fazer mal a você Sra. Brookes? Mal o bastante para fazer isto quando eles não a encontraram aqui. — Ele virou e olhou em torno do quarto antes de voltar seu olhar para ela.

— Sou apenas uma professora. — Ela sussurrou.

— Algum pai ameaçou você? Assediou você?

— Não. — Ela negou com a cabeça ferozmente.

As perguntas não pararam. Eles foram insistentes, sondando. Hannah não conseguia tirar os olhos do quarto enquanto o detetive a interrogava.

Outros brinquedos estavam expostos, mas nada mais parecia ter sido destruído... Eles acharam as coisas mais humilhantes e as usaram para magoá-la.

Mas por quê?

Quando acabou de responder as perguntas do detetive que ela lutou para entender. Pelo que sabia ela não tinha nenhum inimigo, ela disse ao detetive. Não, ela não tinha discutido com ninguém ultimamente. Não, ela não estava namorando ninguém e não tinha nenhum namorado a mais de um ano. Até esta noite, Rick afirmou.

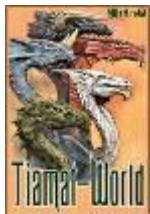
Foi assim por diante até que se sentiu como se fosse gritar de frustração. Ela queria apenas que eles partissem. Queria todo mundo fora de sua casa para poder esconder a prova de sua solidão e lamber as suas feridas na paz.

— Bem, tiramos o pó para impressões. — O detetive finalmente coçou-se seu nariz enquanto olhava em volta do quarto de novo. — Se descobrirmos algo, te avisaremos. Mas, honestamente? — Ele sacudiu a sua cabeça novamente. — Duvido que vamos dar em algum lugar. Alguém aqui foi muito meticuloso.

— Obrigado, Will. — Rick disse. — Você poderia me avisar o que encontrar também?

— Claro que sim. Eu sugiro que você a tire daqui por algum tempo. Tranque as portas e instale alguma segurança extra.

Hannah negou com a cabeça. Ela não ia a lugar nenhum.



— Ela estará em minha casa. — Rick declarou.

— Não. — Ela tentou injetar firmeza em sua voz, mas saiu tremida e sentiu o tremor dentro de si mesma.

— Como diabos. — O tom de Rick foi suave, mas firme. — Você não pode ficar aqui, Hannah você sabe disso. Você pode voltar amanhã e fazer o que tiver de fazer. Hoje à noite pode ficar em minha casa.

Ela não queria sair.

— Eu tenho que limpar... — Ela sentia as lágrimas enchendo sua voz.

Ela queria limpar sua vergonha. Precisava esconder seus objetos pessoais, precisava tirá-los de vista.

— Isso pode esperar até amanhã. — A voz dele abaixou. — Os policiais farão a segurança das portas por esta noite e amanhã posso vir com você e trocar as portas.

— Mas...

— Nenhum "mas". Isso pode esperar até amanhã.

Ela se sentiu como uma criança, insegura, com medo. Não podia acreditar que alguém tivesse feito aquilo com ela. Não conseguia entender por que eles quereriam.

Ela deixou Rick afastá-la do quarto, os olhos indo novamente para os brinquedos sexuais que foram expostos para todo mundo ver.

— Isto é tão humilhante. — Ela sussurrou enquanto saiam da casa, a mão dele em suas costas conduzia seus passos. — Por que alguém faria isso?

Ela abraçou a si mesma, olhando para a multidão do lado de fora da casa, se perguntando quantos deles sabiam o que seu quarto exibia. Não havia segredos em uma rua com os vizinhos como os dela. Eles eram pessoas boas, gentis, atenciosos e curiosos como o inferno.

Todo mundo provavelmente supunha que ela tivesse brinquedos e refletiam sobre eles. Pobre Senhorita Brookes. Ela não conseguia achar um homem então em vez disso ela comprava brinquedos.

Vergonha cobriu seu rosto outra vez.

E quem a chamaria de prostituta? Ela tinha os brinquedos por um motivo. Ela nem mesmo tinha um encontro há muito tempo, quanto mais sexo de verdade. Hoje foi o mais perto de sexo que ela teve nos últimos anos.

— Venha. — Rick a pôs na caminhonete, antes de correr para o lado do motorista e entrar batendo a porta, saindo logo da rua em poucos segundos, esticou a mão sobre o console para pegar a mão dela com a dele. — Vai ficar tudo bem, Hannah.

Ela esfregou a testa com a mão livre, antes de olhar confusa pela janela.

— Não faz sentido. — Disse ela novamente. — Por que fizeram isso? — Ela se virou para olhá-lo, incapaz de compreender a razão por trás de tal maldade.

— Vamos descobrir o porquê. — Ele afirmou, e ela realmente acreditou que ele poderia fazê-lo. Ele parecia mais zangado do que ela. Entretanto a raiva ainda não a tinha golpeado. Ela ainda estava em estado de choque, insegura e confusa.

Rick continuou fitando além do para-brisa, olhando a noite. Ele tinha um sentimento de que o que aconteceu nesta noite não tinha nada a ver com Hannah e tudo a ver com ele.

Ele devia ter ficado longe dela no verão passado. Algum instinto o avisou no verão passado que ele estava cometendo um erro. E se aqueles dois encontros, aparentemente inocentes e que não levaram a nenhum lugar, fizeram dela um alvo por causa dele?

— Nós vamos descobrir isso, Hannah. — Ele prometeu a ela, sentindo sua mão tremer sob os seus enquanto dirigia pela noite para sua fazenda. — Até que façamos, prometo a você que estará segura.

Ele não podia deixar que nada acontecesse a ela. Sienna fez o bastante para destruir sua vida, ele não ia permitir que o fantasma dela acabasse com ele.

Fazendo a volta até a estrada asfaltada até a sua casa a vários quilômetros da estrada principal, ele manteve seu olhar atento vagando pela noite, em busca de anormalidades ou qualquer outra coisa fora do comum.

Ele conhecia sua casa como a palma da sua mão. Durante vários meses após o grupo de milícia ser desbaratado, ele teve alguns problemas no rancho. Gado que morria sem sentido, algumas tentativas de arrombamento, nada grave. Perseguições, nada mais.

Isto não foi um aborrecimento. Ele considerava aquilo guerra e ele deixaria os poucos membros remanescentes do grupo terrorista que não foram presos saberem disso. Hannah não seria um alvo da vingança deles.

— Aqui estamos. — Acionando o controle abriu a porta automática da garagem, ele puxou a caminhonete para dentro e desligou. Destrancando as travas das portas com o controle dentro do carro, ele abriu a porta e saiu rapidamente para abrir a de Hannah.

Ela já tinha aberto sua porta. Segurando sua cintura, ele ajudou-a a sair da caminhonete, percebendo o quanto ela era pequena e delicada, quando a pôs de pé na diante dele.

Ele desativou o alarme com o controle do seu chaveiro antes de abrir a porta e a levou para a cozinha.

Seu sistema de segurança era mais avançado que a maioria, instalado por uma equipe de agentes tão encobertos que a maioria do governo não sabia que existia. Os homens que ajudaram a completar a milícia dois anos atrás, um deles ainda era um residente de Alpine e casado com a mesma mulher que ele teve antes de “morrer".

Aquilo ainda o espantava.

— Venha, eu vou te dar algo para vestir e você pode tomar um banho quente. — Segurando sua mão, ele a levou para seu quarto. — Eu vou fazer um pouco de chocolate quente ou algo assim. Isso sempre ajuda Kent a dormir.

Graças a Deus ele cedeu e deixou que Mona levasse seu filho para acampar com ela. Se alguém o mirava por causa da destruição da milícia dois anos atrás, então ele não queria seu filho envolvido nela.

— Rick, você não precisa fazer isso. — Ela protestou quando entraram no quarto.

Pelo menos ele pensou em fazer a cama esta manhã. O estava quarto arrumado razoavelmente bem. Havia poeira sobre os móveis, os pisos de madeira um pouco turvos. Ele tinha empilhado suas roupas sobre a cômoda em vez de guardá-los depois que Mona as devolveu para ele.

Nem sempre ele tinha tempo para limpar a casa.

Movendo-se para a pilha de roupa, ele tirou uma camiseta e a trouxe para ela.

— Esta deve ser longa o suficiente para você. — Seus lábios se curvaram com divertimento enquanto a inspecionava de alto a baixo. — Você é uma coisinha pequena, não é?

Por um segundo o medo sumiu dos olhos dela, para ser substituído por um olhar apertado.

— Sem piadinhas por favor. — Ela ordenou com o que ele imaginou ser uma “voz de professora”.

— Eu não estava brincando. — Ele garantiu. — Eu fiz uma simples observação. Mas, você é bonitinha.

Se tinha algum brilho nos olhos de aço, cintilaram mais brilhantes.

— Ótimo, eu sou bonitinha. — Ela murmurou. — Cachorrinhos são bonitinhos. Os esquilos são bonitinhos.

— Você é mais bonita? — Ele quase sorriu quando os lábios carnudos dela se apertaram.

Ela tinha que levantar os olhos para olhar para ele. Se ele queria beijá-la sem forçar seu pescoço ou então ele teria de segurar nas curvas de sua bunda e levantá-la para ele. Ele gostaria de fazer isso. Ele gostava da sua delicadeza e de sua pequena estatura que era tão sedutoramente feminina.

— Eu não sou bonita. — Ela disse obviamente chateada com a descrição. — Agora, onde é o banheiro? Eu preciso de um banho.

Ele escondeu um sorriso ao se virar e a conduziu até a porta do banheiro.

— Você pode ter um longo e agradável banho na banheira de hidromassagem ou uma ducha quente. — Disse ele. — Estarei na cozinha quando estiver pronta.

Ele deixou-a sozinha, fechando a porta atrás dele e soltou um suspiro.

Inferno, ele desejou poder ficar. Ele gostaria de afundar na grande banheira com ela e lavá-la da cabeça aos pés. Ou possuí-la na ducha, ver a água escorrendo sobre ele enquanto ela a erguia e a possuía contra a parede.

Podia sentir as gotas de suor surgirem em sua testa com o pensamento. Seu pau pulsou em aprovação. O sangue correu por suas veias com excitação.

No entanto a noite não terminou como ele previu, mas ele podia trabalhar nisso. Antes que a noite acabasse, ele poderia até tê-la em sua cama. Aquilo seria ainda melhor.

Ele podia lidar com aquilo. Por uma noite, ele garantiu. Só uma noite. Uma manhã. Despertar ao lado de uma mulher que o queria. Começar o dia com prazer em vez de com uma cama vazia. Uma mulher macia, apaixonada em vez da lembrança dos sonhos que o assombravam de noite.

Uma noite. Só isso. Então as coisas voltariam ao normal. Ele querendo ou não.

Capítulo 5

Ele deveria ter pensado melhor antes de dar a ela a camiseta, ao ver o pequeno e sexy corpo arredondado dentro de uma de suas camisetas. Ele tinha muita vantagem com sua altura de um metro e noventa e seis, e ela tinha só um metro e cinquenta e oito. Ele pensou que a camiseta cairia quase até os joelhos dela.

Havia coisas que ele não levou em consideração. Os seios cheios e arredondados levantaram vários centímetros e apertando os seios, revelando as pontas endurecidas dos pequenos mamilos sob o tecido solto. Os quadris arredondados deu uma nova forma ao tecido e nas lindas formas das pernas levemente bronzeadas que ele tinha a maldita certeza que caberiam perfeitamente em volta de suas costas se ele estivesse deitado entre elas.

A visão sensual que saiu de seu quarto uma hora mais tarde estava devidamente coberta, sem dúvida. A camiseta ia abaixo das suas coxas, não exatamente nos joelhos. Totalmente respeitável. Cobria mais que alguns vestidos curtos que viu outras mulheres usando na cidade.

Mas havia aquela linha, quase invisível, entre totalmente respeitável e sutilmente sensual. Hannah era muito sensual e ela dava todo um novo olhar para a camiseta que ele sabia que nunca mais a usaria de novo sem ficar com o maior tesão ao pensar nela vestida com a camiseta agora.

— Eu tenho que voltar para casa de manhã. — Ela dizia enquanto puxava outra de suas camisas, que obviamente ela confiscou do armário dele.

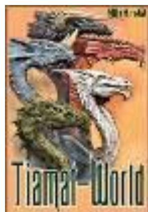
A camisa preta de mangas compridas, abotoada na frente a envolvia como um grande roupão solto, no entanto, não fez nada para esconder o pequeno corpo exuberante embaixo dela.

— Eu estou de folga nos próximos dias. — Ele conseguiu forçar as palavras a saírem de seus lábios. — Eu a levarei.

Ela passou as mãos nos cabelos e foi até o balcão se sentando no tamborete em frente a ele e finalmente encontrou o olhar dele.

— Isso é tão humilhante. — Ela suspirou. — Eu aposto que todos na rua sabem exatamente o que aconteceu. Provavelmente estão discutindo sobre o comprimento, largura e cor de cada brinquedo que tenho e fofocam enquanto estamos aqui conversando.

As coxas dele se contraíram ao pensar nos brinquedos e os vários usos deles. Inferno, ele não conseguia tirar aquela imagem de sua mente. Hannah esparramada na cama coberta com a colcha cor de lavanda, a cabeça atirada para trás, as coxas abertas enquanto ela se fodia com aquele vibrador.



O suor cobriu sua testa. Seu pau se engrossou tanto que ele sentiu dor.

— Eles acharão qualquer outra coisa sobre o que fofocar amanhã. — Ele limpou a garganta enquanto se desviava desesperado para a cafeteira para ver se o café estava pronto.

Serviu o café em xícaras para os dois, ele colocou uma xícara diante dela junto com uma colher antes de empurrar o açúcar e o creme para ela.

— Obrigada. — Seu sorriso era um pouco ausente quando pegou seu café para saborear. Ele tomou um gole do seu, mal sentindo o gosto enquanto aquela imagem brincava com a sua mente novamente.

— Por que alguém iria querer me envergonhar? — Ela mexeu o café antes de olhar para ele novamente. — Professoras de jardim de infância não fazem inimigos, você sabe. Eu poderia entender se fosse na escola. Quer dizer, os adolescentes podem ser travessos, mas professoras de jardim de infância? Quando foi a última vez que você ouviu falar de alguém com cinco anos de idade, com a capacidade de fazer o que fizeram esta noite?

— Talvez seus pais? — Ele sabia como as coisas funcionavam, assim como ela.

Ela olhou para ele, conscientemente.

— No verão passado, jogaram ovos no meu carro logo depois dos encontros que tivemos no passado. — Ela disse. — Pequenas coisas que aconteceram que eu pensei que fossem brincadeiras das crianças da localidade. As vezes eles ficam um pouco entediadas.

Ela bebeu um gole de café enquanto ele a observava pensativamente.

— Ora, isto está quente! — Ela exclamou.

— O que mais aconteceu no ano passado? — Ele pousou o café e olhou atentamente. — E por que você não nos informou?

— Como eu disse, eu supus que fosse coisa de alguns adolescentes entediados. Eu nunca imaginei que alguém pudesse realmente querer me assustar. Um carro com ovo sobre ele, as flores do meu jardim desenterradas ao longo da cerca na parte de trás. Foram apenas pequenas coisas. — Ela o olhou de perto. — Isso tudo é por sua causa, não é? Alguém está tentando machucá-lo e eles estão me usando para fazer isso.

Ela era inteligente, tinha que dar um crédito a ela por isso, e desconfiada. Ela era tão suspeita quanto ele.

— Você não contou ao Detetive Dickerson desses acontecimentos. — Ele afirmou. — Por que não?

Ela olhou para a bancada enquanto sua unha esfregava contra ele por algum tempo, antes de erguer a cabeça.

— Eu quis falar com você primeiro. Depois do que aconteceu esta noite com o irmão de Sienna, tenho remendos demais juntos. Eu quero saber por que.

Como ele deveria responder aquilo? Oh, desculpe querida Hannah, acho que alguém sabe que dei um tiro na maldita cabeça de minha esposa quando ela tentou matar o meu melhor amigo. Ela era uma viciada em cocaína e uma assassina.

Sim, ele estava vendo que teria que improvisar muito bem.

— Não estou certo do por que. — Ele finalmente respondeu em vez disso. — Mas vou descobrir.

Ele estava mentindo para ela. Hannah sentiu quando viu o repentino escurecimento de seus olhos e o tic delator que contraiu os músculos de seu maxilar.

Por que ele mentia para ela?

Em vez de perguntar isso ela o inquiriu.

— O que aconteceu quando Sienna foi sequestrada, Rick? — Ela perguntou. — O presidente de um dos nossos maiores bancos, o nosso prefeito, seu vice, Patrick Galen, um dos nossos maiores proprietários de terras e um U.S. Marshall dos EUA foram mortos naquela noite, junto com Sienna. Algumas pessoas dizem que ela estava envolvida com eles.

Ela nunca foi de rodeios e não ia começar a ser agora. Tinha um bom pressentimento que ia acabar na cama com ele nesta noite. Então pelo menos, queria saber no que estava se metendo.

— Não sei no que ela estava envolvida, Hannah. — Ele disse se virando para ela para reabastecer sua xícara de café. — Ela foi sequestrada junto com Sabella Malone. Quando a fumaça da tentativa de resgate se dissipou, Sienna foi morta e muitos homens em que todos confiavam estavam envolvidos.

— Essa foi a melhor não resposta que já ouvi. — Ela disse, percebendo que ele não ia lhe contar nada. Mas ela o compreendia muito bem.

Rick fez parte daquela tentativa de resgate. Conhecia-o, primeiro ele foi atrás de sua mulher e seu amigo. E todos sabiam que Sienna e Mike Conrad era próximo demais. Os rumores chegaram até ela e rodava pela cidade a anos, estava apenas surpresa por Rick não ter suspeitado.

Ou ele tinha?

— Será que importa no que ela estava envolvida? — Ele perguntou. — Será que tem alguma coisa a ver conosco?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Se houvesse um "nós", então não teria nada a ver com isso.

— Oh, definitivamente há um "nós". — Ele rosnou dando a volta no balcão, seu rosto mudando de sem expressão para intensa num piscar de olhos.

Seus traços selvagens, repentinamente ficaram cheios de luxúria que explodiu no ar a volta deles. Hannah olhou fascinada para ele quando virou o banco giratório até que pudesse ficar entre suas coxas.

Foi tão fácil. Aquilo estava acontecendo muito fácil. Ela pensou de modo distante quando a mão dele segurou seu pescoço para firmá-la no lugar enquanto baixava a cabeça. Ela devia protestar de algum modo. Ela devia fazer qualquer coisa exceto abrir os lábios e comê-lo como um chocolate.

Mas ela não se conteve. Ele tinha gosto de café, de homem misterioso e faminto. Era um afrodisíaco que ela não queria resistir. Uma droga como aquela podia encantar todas as mulheres no mundo e viciá-las num instante.

O prazer a percorreu da cabeça aos pés, correndo por sua espinha, enquanto seus braços se levantavam e abraçava o pescoço dele, puxando-o para mais perto dela.

Ele a apertou firme contra ele por um longo minuto antes de recuar, levantando-a contra ele sem separar nunca seus lábios dos dela.

Seus beijos eram estonteantes, intoxicantes. Ela se sentiu voando, girando no tempo e no espaço, ela inclinou mais a cabeça para trás e então ele aprofundou o beijo.

Sua bunda encontrou o que ela supôs ser o alto do pequeno balcão, permitindo que ela se apertasse mais contra ele. O quadril dele se apertava entre suas coxas, seu pau, era uma cunha dura e grossa debaixo de sua calça jeans, estava pressionado contra o monte de sua boceta, esfregando o tecido de sua roupa contra o seu clitóris.

Não havia entre eles roupa o bastante para protegê-la contra as sensações. Ela se perguntava se não houvesse. Porque nada nunca foi tão bom, tão quente. A intensidade sexual crescia dentro dela, correndo por seu corpo e se concentrando em seu ventre, enquanto ele afundava seu pau contra ela, as mãos dele segurando seus quadris, segurando-a para ele.

Ondas de sensações correram por seu sangue quando ela gemeu no beijo. Ela queria mais, precisava de mais e ainda queria outras coisas também. Queria saborear mais do que os lábios dele. Ela queria sentir mais que o seu pau duro através da calça. Queria senti-lo quente e nu, se enfiando dentro dela, acariciando-a até o êxtase.

Pele com pele. Era o que ela queria. As carícias da carne dele contra a carne dela, dentro dela. Os lábios dele por todas as partes do seu corpo, os lábios dela por todo o corpo dele. Ela queria comê-lo como um doce.

Ela lambeu os lábios dele e gemeu ao sentir o gosto de homem no beijo. Sentiu o beliscão que ele deu e quase choramingou com o prazer incrível que a percorreu com a carícia ardente. Um segundo depois ele lambeu sobre a curva do lábio enviando outra carícia ardente percorrer seu corpo.

Ela sempre soube que Rick Grayson podia afetar seu corpo daquele jeito. Aquele conhecimento acabava de ocorrer agora, enquanto se lembrava que ele sempre atiçou suas fantasias e a sua fome.

— Porra, adoro seu gosto. — Ele rosnou movendo seus lábios da boca para o queixo, seu pescoço, afastando a camisa que emprestou a ela dos seus ombros.

— Prove-me um pouco mais. — Ela ofegava, baixando os braços para se livrar do tecido.

As mãos dele agarraram a bainha da camiseta dela, levantou-a, e ele recuou, puxando por cima da sua cabeça.

Oh, Deus.

Agora ela estava quase nua na frente dele. Seus seios subiam e desciam rápido, os bicos de seus mamilos muito duros e sensíveis que até o ar fresco da sala era uma carícia para eles.

— Doce Senhor, tem misericórdia. — Ele sussurrou enquanto levantava e curvava as mãos, seu polegar correu lentamente sobre os bicos duros, seu olhar escureceu quando encarou fixo os contornos excitados de seus seios.

Os cílios de Hannah tremeram de prazer ao sentir as pontas calejadas dos polegares contra seus mamilos. Foi excitante, mas um pouco desobediente. Essa foi a experiência mais sensual da sua vida.

— Está bom? — Ele sussurrou enquanto corria seus polegares sobre eles novamente.

— Bom. — Ela ofegou abrindo seus cílios para olhá-lo maliciosamente. —Poderia ser melhor.

— Melhor? — Os seus lábios se curvaram com uma ponta de diversão. — Como poderia melhorar, meu bem?

Ela era sexy como o inferno, seus olhos verdes o fitavam com um brilho de divertimento e prazer que não era apenas físico.

— Talvez se você pudesse beijá-los? — Seu tom era travesso quase inocente. — Aposto que eu realmente gostaria disto. — Ela estava ofegante.

— Acha que você gostaria?

Rick curvou a cabeça, erguendo o olhar para ver seu rosto enquanto apertava seus lábios contra a suave curva de um seio.

Ele viu os olhos dela escurecerem, os cílios tremerem.

— Assim? — Ele percebeu naquele instante que gostava de jogar com ela.

— Isto é um pouco melhor. — Ela expirou fixando as mãos no balcão atrás dela. — Talvez um pouco mais.

Ele queria tanto um mamilo na sua boca que não podia suportar mais. Mas ele queria brincar com ela também. Ele gostou de ver o rubor, da sensualidade em seu rosto e o modo como mordia o lábio inferior.

Ele não aguentaria por muito tempo, mas se divertiria enquanto suportasse.

— Um pouco mais? — Ele lambeu sobre a área que tinha beijado. Beijou em outro lugar, ao lado do bico do lindo seio, ele lambeu lá também.

— Oh, sim. — Ela suspirou fortemente, levantou a mão da nuca para se entranhar nos cabelos dele. — Deus, Rick. Isto é tão bom.

Como se ela nunca tivesse jogado antes também.

Ele beijou de novo, se aproximando do bico enrugado do seu seio, na aréola rosada em volta do bico.

— Sim. — Ela sussurrou com respiração tão irregular enquanto sua mão apertava a nuca dele. — Lá.

— Aqui? — Ele beijou o começo da carne mais rosada e então deu uma lambida sobre e em volta dele.

Ele não tocou o mamilo sensível, mas chegou perto. Muito perto. Ele lambeu e beijou até que ela se contorceu para chegar mais perto dele e de sua boca molhada para saborear a carne enrugada

— Você é um provocador muito bom. — Ela o acusou ofegante.

— Você é melhor. — Ele quase sorriu. — Você esteve me provocando por dois anos. Toda vez que te via.

Ela ficou mais ofegante quanto ele respirou em cima da ponta dura.

— Então você percebeu tudo? — Ela quase gemeu quando ele aproximou a boca, mal roçando seus lábios contra a carne dura.

— Todas as vezes. — Ele lambeu a ponta dura.

Hannah se contorceu em seus braços, um grito frágil fugiu de seus lábios quando ele lambeu seu mamilo, provando-a. E ela era doce. Era tão malditamente doce que ele se perguntou se seria capaz de se afastar dela.

Ele não podia negar a necessidade por mais tempo. Ele lambeu o mamilo, provou-o, alisou, enquanto a fome aumentava dentro dele como um animal voraz.

Tinha demorado muito. Quatro anos sem uma mulher era muito, muito tempo e a sua sexualidade sempre foi alta em sua lista de prioridades.

E essa mulher. Ele a quis por muito tempo. Ela foi uma parte de suas fantasias por muitos anos.

Quando ele envolveu a ponta dura do mamilo na boca, sentiu as mãos dela tocando sua calça, as bolas dele se contraíram palpitando, e seu pau pulsou com desejo.

A fome esmurrou-o, correu por ele como uma tempestade de fogo centrado no gosto e no toque dela.

— Sonhei com você. — Ela suspirou enquanto ele chupava um mamilo, e depois o outro. — Por muito tempo, Rick. Sonhei com você.

Ela o pressionava ao limite. Sua voz acariciou seus sentidos enquanto suas mãos puxavam a calça dele.

Um gemido desesperado fugiu dos lábios dele enquanto apertava as costas dela, incitando-a a reclinar-se contra o balcão enquanto seus lábios corriam descendo por sua barriga. Empurrando suas pernas abriu as coxas dela, ele teve que trincar os dentes com força para conter o desejo extremo dentro dele para possuí-la agora.

Desejava lançar seu pau que pulsava violentamente entre suas coxas e tomá-la, afundar-se dentro das pregas de seda, molhadas que seus olhos devoravam.

Cachos macios protegiam as curvas no alto do montículo, mas as curvas de baixo, os lábios inferiores docemente rechonchudos, eram cor de rosa e nus, brilhando com os sucos dela.

Se ele soubesse o que o esperava ali, ele não poderia ter se contido como ele fez. Arreganhou mais as pernas dela, o gemido baixinho dela ecoou em sua mente quando ele abaixou a cabeça.

Ele lambeu pela fenda estreita, gemendo ao sentir seu gosto doce de mulher. Doce céu, ela era quente, seus sucos espessos e lisos como o xarope mais doce.

Abrindo mais ainda as pernas dela, ele estava vagamente consciente dos pequenos pés pressionados contra a beirada do balcão. Os quadris dela se levantaram para ele enquanto ele separava as pregas com os dedos de uma mão, e lambia mais profundamente, mais firmemente.

Ele estava morrendo pelo gosto dela, e aqui estava. Um banquete. Uma oferta de doce delicado que ele não teve forças para resistir por mais tempo.

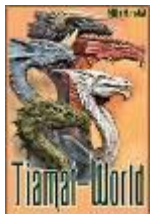
Que ele não podia resistir.

Hannah enrolou seus dedos no cabelo de Rick e lutou para conter os gemidos que ameaçaram sair de seus lábios. Ela sentiu os seus dedos acariciando a abertura de seu sexo enquanto sua língua lambia ao longo das pregas, rodeando seu clitóris e desceu novamente.

Ele a lambia como uma bala, tomando-a com sua boca e língua até que ela se perguntou se poderia suportar as sensações, mesmo que desejasse mais.

A provocação acabou e ela não lamentou. Precisava mais dele. Precisava dele até que se arqueou mais contra ele, gemendo seu nome embora tentasse conter os sons desesperados.

— Deus, você é um doce. — Ele afundou a língua dentro de sua boceta, roubando seu fôlego por um longo tempo, a entonteceu por um segundo, quase explodindo com a intensidade do prazer.



Ela nunca teve isto antes. Ela nunca teve um homem fodendo ela com a língua, e a sensação de Rick fazendo isso era a coisa mais sensual que já havia experimentado.

Ele enfiou sua língua dentro dela, retirou-se, tomou-a novamente. Hannah se sentia ofegante, ansiando por mais. Estava excelente. Quente, atrevido e sexy.

Quando ele recuou, não a deixou. Sua cabeça foi subindo até que beijou seu clitóris, puxando-o rapidamente entre seus lábios enquanto a sugava profundamente. Dois dedos peritos pressionaram dentro da entrada ansiosa, que se remexeu nela enquanto ela ofegava, suas mãos apertaram o cabelo dele, o suor molhava sua pele.

— Mais. — Ela respirou desesperadamente. — Oh, Deus, Rick. Por favor.

Depois ele puxou seu clitóris entre os lábios, lambeu-o com sua língua, ao mesmo tempo acariciando seus dedos dentro dela.

Ela estava tão perto. Ela podia sentir o desespero que crescia dentro dela agora, crescendo dentro de seu útero e derramando mais suco nos dedos dele.

Enquanto ele chupava seu clitóris, sua língua se contorcia sobre ele, que trabalhava com maestria erótica enquanto seus dedos fodiam dentro dela, acariciando até que sua sanidade mental sumiu num vendaval que a tomou.

Ele sentiu a explosão correr por ela. Seu orgasmo tomou seus sentidos, arrancando o nome dele de seus lábios e levando seu corpo para cima. Ele trabalhou seu orgasmo, prolongando, continuando a acariciá-la e conduzindo-a para um prazer maior.

Caindo contra o balcão, ela lutou para achar a respiração, clarear a cabeça enquanto ela o sentia se mover entre as coxas dela.

Quando ela forçou os olhos a se abrirem e olhar para baixo de seu corpo, ela viu a cabeça do pau erguido cutucando contra as dobras excitadas da xoxota dela.

Hannah olhou com a respiração presa na garganta, quando a ponta grossa e dura se apertou contra ela, fogo acariciou contra seus nervos sensíveis e começou a abrir a entrada macia para o corpo dela.

— Rick. — Ela expirou seu nome, agora suspensa no prazer, vendo, sentindo a sensação, presa num turbilhão de sensações de tal forma que ela se perguntou se escaparia totalmente daquilo.

A carne pesada a dividiu, movendo, esticando-a, queimando a carne sensível eroticamente quando ele desceu com força brutal. Sensações maravilhosas fluíram e contraíram seu corpo enquanto ela lutava para se controlar por um momento. Somente mais um segundo. Ela queria olhar, gravar esse momento para que ela pudesse guardar dentro de si para sempre.

Levantando os olhos para ele, ela viu os traços duros e brutalmente contraídos de seu rosto, seu olhar fixo apertado quando a encarou também, seu rosto corado e a boca ligeiramente aberta. O prazer cobria o rosto dele com a mesma intensidade que cobria o corpo dela.

Ele movimentou lentamente o pau dentro dela. Pra frente e para trás, enfiando lentamente centímetro por centímetro até que os dois gemessem com o prazer daquilo, desesperados por mais.

Uma das mãos dele se enrolou em volta dos pulsos dela enquanto sua outra mão agarrou seu quadril, segurando firme quando ele deu um impulso final e se enterrou ao máximo dentro dela.

Hannah olhou onde eles se fundiram, hipnotizada, presa numa fantasia sensual, erótica que ela não podia acreditar que fosse real.

— Porra. — Ele expirou rudemente, seu olhar encarou o dela. — Você é apertada, Hannah. Tão doce e quente, e tão apertada em volta de mim.

Ela sentiu a contração dentro de sua boceta em volta do pau e então num reflexo ela o apertou, agarrando-o enquanto ele fazia uma careta de prazer.

— Espere, dê só um minuto para mim. — Ele sussurrou, piscando com o suor que umedeceu seu rosto. — Deus, Hannah. Acho que não posso aguentar aqui.

Ela sacudiu a cabeça desesperadamente, lutando por ar.

— Não espere. — Ela sussurrou, precisando dele com a mesma fome que ele parecia precisar dela. — Me possua, Rick. Por favor, Deus. — Sua voz ecoou num gemido. — Mais. Preciso de mais agora.

Algo dentro dele pareceu quebrar. Rick perdeu o controle naquele instante, e ele agradeceu por não lamentar por isso. Agarrando os quadris dela mais firme, ele começou a se movimentar, fodendo como ela queria, dando mais, acariciando dentro dela com uma fome que ele não poderia acalmar.

Cada enfiada enviava fragmentos de prazer ardente que corria pela cabeça do pau. Ela era apertada e quente e o preservativo não fez nada para restringir a carícia quente de sua boceta. Sua xoxota o agarrou, a carne macia cheia de dobras se contraiu quando ele mergulhou dentro dela, acariciando seu pau até que ele lutava e morria para retardar seu orgasmo.

Ele queria sentir o gozo dela envolta dele. Queria sentir aquela boceta apertadinha explodindo de prazer em volta do seu pau, chupando-o para mais fundo dentro dela, se contraindo em volta dele.

Inclinando-se para frente, seus quadris se moveram mais duramente, mais rápido, abrindo-a, queimando os dois, ele cobriu seus lábios rápido, beijando-a forte. Outro... Mais outro. Ele não podia respirar, mal conseguia ver. Ele bombeou dentro dela, sentindo o aperto e soube que ela estava perto.

Seus lábios viajaram pelo pescoço dela até as pontas dura, excitadas de seus seios. Ele lambeu um mamilo, depois o outro. Então abriu a boca e puxou um bico enrugado em seus lábios e chupou forte enquanto fodia com força dentro dela, mais duro e com mais fome.

O corpo dela contraiu. Ela gritou seu nome ao mesmo tempo em que tombava a cabeça para trás, as estocadas batiam com força e com barulho dentro da xoxota encharcada dela, ela o prendeu mais apertado, o calor dele aumentando até que a sentiu explodir em seus braços.

Os músculos tensos pareceram se contrair com ímpeto com as enfiadas convulsivas, as contrações pequeninas correram ao longo de seu pau. Elas tremularam em volta dele, quente, segurando-o e o fizeram voar para um orgasmo que ele jurou que não poderia sobreviver.

Gemeu o nome dela, ele sentiu suas bolas contraírem, fazendo explodir seu esperma da ponta do pau, agora seu mundo se concentrou naquele momento único, de um prazer tão brutal que marcou a fogo sua alma.

Ela se retorcia embaixo dele, se contorcendo presa no próprio prazer, como se nunca tivesse conhecido outro igual àquele. Nos seus braços, Hannah Brookes se perdia e nenhuma outra mulher nunca fez isto. Ele nunca viu, nunca soube. E aquilo quebrou uma parede da reserva que ele não percebeu que tinha colocado entre eles.

Aquilo tornou seu próprio orgasmo mais agudo, mais brilhante. O prazer foi tão intenso que sentiu seus joelhos fracos e sua cabeça girar.

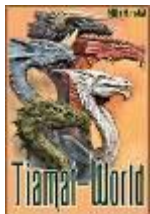
Quando ele caiu sobre ela, lutando para recuperar a força para os dois irem para sua cama, ele se perguntou se ainda era o mesmo.

Isto ia contra tudo que ele lutou nos últimos dois anos, ele pensou. Esta sensação, este conhecimento, este prazer. Um prazer que ele não tinha certeza se queria viver sem agora. Uma mulher que sabia que era boa e correta que ele não queria perder.

Capítulo 6

HANNAH flutuava nas nuvens três dias depois. Até mesmo a humilhação que sentiu com a invasão de sua casa não pode penetrar nela.

Como uma noite levou há outros dias, ela encontrou o sentimento de equilíbrio e excitação a cada dia que ela realmente não esperava. Mas adiou voltar para sua casa o quanto pode. Ela estava ficando sem roupa limpa para mudar e tinha que ter certeza que sua casa estava de volta ao normal.



Ela esperou de Rick um convite para ficar por mais tempo, mas não veio nada e ela não ignorou aquele fato com alegria. Ela tomaria o que podia agora; foi mais do que ela esperou em primeiro lugar.

Com Rick ao seu lado ela voltou para sua casa e ele a ajudou a limpar as evidências de que alguém estava determinado a humilhá-la do pior modo possível.

— Diga-me. — Rick veio por trás dela enquanto ela limpava o batom vermelho do espelho, de pé acima da cabeça e ombros acima dela, seus braços a envolveram pela cintura enquanto encontrava com seu olhar no espelho. — Com que frequência você usa seus brinquedos?

Havia uma ponta de humor brincalhão em seus olhos, no canto de seus lábios, quando ele ajustou seu queixo contra o alto da cabeça dela e a olhando de perto.

— Oh, toda vez que te vejo. — Ela sorriu e não era nada menos que a verdade.

As sobrancelhas dele se ergueram quando roçou seu cabelo na nuca e se inclinou para beijar a pele sensível. Continuando a olhar, ele perguntou.

— E com que frequência você me viu?

Hannah limpou a garganta e não pode deixar de sorrir.

— Tenho certeza o via em algum lugar pelo menos uma vez por semana.

Os olhos dele se apertaram.

— Uma vez por semana, uau?!

— Pelo menos. — Ela inclinou a cabeça para o lado, dando a ele acesso livre ao seu pescoço. — Você sempre parecia estar muito quente também. Tive algumas fantasias muito boas.

— É mesmo? — Suas mãos moveram-se embaixo da bainha da sua camisa para acariciar a carne nua do seu estômago. — Que tipo de fantasias?

— Todos os tipos de fantasias. — A voz dela abaixou, seu olhar se tornou sonhador ao lembrar de muitas daquelas fantasias. Fantasias que ela podia ter a chance de viver agora.

— Você podia me mostrar. — Ele sugeriu, suas mãos subiram até envolver seus seios, olhando suas mãos pelo espelho como seus dedos raspavam seus mamilos.

— Posso fazer isto. — Ela respondeu sem fôlego, olhando seus mamilos endurecerem sob o toque dele e o prazer percorrer seu corpo.

Aquilo não foi um prazer suave, não ainda. Foi rápido, impetuoso, desesperado, com uma fome que ela se perguntou se um dia se acostumaria.

Quando ela inclinou a cabeça para trás contra o peito de Rick para desfrutar da viagem de prazer, houve uma série de pancadas duras na porta da frente. Ele levantou a cabeça rápido e fechou a cara com a testa franzida.

Atrás dela, Rick xingou e com relutância afastou-a para conduzi-la para fora do banheiro.

Ela estava consciente que ele andava a sua frente para protegê-la e um arrepio de prazer a percorreu ao compreender aquilo. Ninguém nunca fez aquilo antes. Até mesmo seus irmãos tinham a tendência de guiá-la para a autodefesa enquanto ela crescia em vez tentar defendê-la das brigas.

Na porta da frente, Rick olhou as janelas laterais, então olhou para ela com uma careta.

— É o Detetive Dickerson.

Ela sentiu que gostaria de fazer uma careta também. Dickerson era a última pessoa que queria ver hoje. Ela gostaria de saber quem invadiu sua casa, mas Dickerson não tinha pareceu muito interessado em contar aquilo a ela quando telefonou para ele mais cedo.

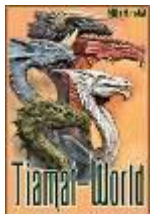
Abrindo a porta, Rick se afastou e deixou que o detetive entrasse.

Suas feições ásperas eram definidas em linhas severas, seus lábios virados para baixo numa careta natural quando ele olhou para os dois.

— Boa tarde, Xerife. — Ele acenou com a cabeça em direção a Rick.

— Detetive. — Rick acenou de volta enquanto puxava Hannah contra ele. — Você descobriu mais alguma coisa desde hoje pela manhã?

Hannah ouviu a pergunta implícita no tom de Rick. Procurava saber o motivo da visita do detetive agora.



— Absolutamente nada, Xerife. — Nenhum sorriso abriu no rosto do detetive. — Em vez disso pensei que talvez você pudesse saber de algo sobre isso?

Hannah percebeu na hora que Rick ficou tenso como o ar, que de repente se encheu de tensão.

— Por que eu saberia algo sobre isso? — Rick perguntou com cuidado. Ela podia ouvir a cautelosa consideração em sua voz, em seu corpo.

A expressão do Detetive Dickerson tornou-se mais séria.

— Ainda há muitos rumores correndo a cerca de sua esposa, Xerife Grayson. Sienna não tinha a melhor reputação e talvez, algumas pessoas pensem que você deve ter descoberto o que ela fazia antes de ser morta.

— Uau, isso é o suficiente. — Hannah deu um passo à frente sentindo a raiva que enchia o ar, e colocou-se entre o detetive e Rick. — Acho que você está sendo muito inapropriado. E eu acho que está na hora de você ir embora, detetive.

Dickerson olhou para ela.

— Senhorita Brookes, você deve considerar o que realmente pode estar acontecendo aqui. — Ele avisou a ela. — Você pode ser um alvo por causa de seu relacionamento com Grayson, e pode ficar perigoso.

— E você deve tirar seu rabo daqui e fazer o seu trabalho ao invés de atirar no escuro, detetive. — A voz de Rick era de autoridade, dura e sombria atrás dela. — Quando você tiver alguma prova de suas acusações, então pode trazê-las pessoalmente para mim. Até lá, tente encontrar a pessoa ou as pessoas responsáveis por isso, em vez de me irritar.

E não havia dúvida de que Rick estava puto.

— Adeus, Detetive Dickerson. — Hannah abriu mais a porta. — Avise-me quando tiver algo concreto. Então estarei disposta a ouvi-lo.

Os lábios de Dickerson se apertaram.

— Você via o xerife no ano passado, e teve problemas, Senhorita Brookes. — Ele lembrou-a. — Pense no que eu disse.

Ele se virou e saiu, mas Hannah não podia deixar de considerar. Ela teve os mesmos pensamentos na noite anterior, pensamentos que ela expressou a Rick.

Quando ela fechou a porta atrás dele, se virou para Rick.

— O que está acontecendo? — Ela perguntou, desejando poder ver além da expressão apertada, fechada em seu rosto. — Por que alguém me atacaria por causa de Sienna, ou por causa do meu relacionamento com você?

A maioria das pessoas gostava de Rick, mesmo quando não gostavam de Sienna. Tinha certeza de que Rick não sabia sobre os rumores da traição de sua esposa antes de sua morte. Os rumores não começaram senão após o seu funeral. Antes disso, não havia nada mais que um sussurro sobre sua infidelidade, simplesmente falavam que ela e Mike Conrad pareciam ser muito próximos. Mas não houve nenhuma prova ou haviam sido vistos juntos, nada que alguém pudesse apontar para dizer que estava traindo o marido.

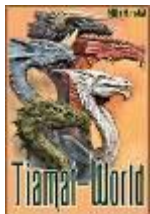
E se Sienna foi infiel, por que alguém quereria punir Rick por isso?

— Eu não sei o que está acontecendo. — Ele disse olhando em volta da porta de entrada de sua casa. — Mas eu não quero que fique aqui sozinha. — Voltou a olhá-la. — Arrume uma bolsa, você vai voltar para casa comigo.

Seu tom foi cheio de dominância, imediatamente provocando a veia independente que seus irmãos juravam tinha um quilômetro de largura.

— Ficarei perfeitamente segura aqui. — Ela cruzou os seus braços sobre os seios e olhou para ele. — Não preciso de um cavaleiro numa armadura brilhante, Rick, e com certeza não preciso de um protetor.

— Talvez não queira, mas por Deus, eu tenho de saber se minha amante está segura. — Ele a puxou para si, aquela veia de alfa dominador que suspeitava era mais forte do que a sua veia de



teimosa que fechava sua expressão. — Não lute comigo, Hannah. Não a deixarei aqui sozinha, e você estará mais seguro na minha casa, na minha cama. Nós dois sabemos disso.

Seu sistema de segurança foi ligado. A sua cama era quente, seus braços eram tão seguros. Ela olhou para ele, sabendo exatamente onde ela queria estar.

— Eu não gosto de receber ordens. — Ela informou-o firmemente. — Peça-me, Rick. Fale comigo de forma razoável. Não me dê ordens.

Ele franziu a testa olhando, antes de fazer uma careta de arrependimento, embora seu olhar nunca perdesse aquele brilho de comando.

— Você estará mais segura comigo, Hannah. — Ele pareceu sussurrar as palavras. — Fique comigo.

A ordem foi mais suave, mas ainda estava lá. Ela sentiu um sorriso abrir seus lábios enquanto balançava a cabeça num gesto impotente de divertimento.

— Você definitivamente não costuma pedir nada. — Ela disse, relaxando apenas o suficiente para que ele também relaxasse um pouco.

— Não é algo que faço com frequência. — Ele concordou. — Vai pegar uma bolsa cheia. Seja quem for que parece querer chegar a você não espera pelo sistema de segurança que tenho no lugar. Nós o pegaremos.

Ele estava tomando-a sob sua proteção, mas ela era inteligente o bastante para saber que alguém tinha que fazer aquilo. Ela com certeza não tinha nenhuma ideia do que fazer neste momento.

— Ótimo. — Ela expirou forte se virando e olhando em volta da sua pequena casa. — Ficarei com você. Por algum tempo.

Mas sem compromisso. Não apressaria isto. Não faria nada para fazê-lo se sentir como se ela estivesse tentando aquilo.

Eles eram amantes, isso era o bastante... Por enquanto, ela disse para si mesma.

Ele a seguiu ao subir quando foi arrumar a mala, depois a acompanhou até o carro dela.

— Eu preciso parar no escritório por alguns minutos. — Ele se inclinou para a janela do carro quando ela baixou o vidro. — Siga-me até lá e você pode visitar Mae até que eu termine.

Era evidente que ele não tinha nenhuma intenção de deixá-la longe de seus olhos. O pensamento disso a atingiu com um raio de esperança.

Ela já estava se apaixonando por ele. Ela sabia, já sentia dentro de si. Ele a fascinava como nenhum homem jamais fez. O prazer que sentiu, ela nunca conheceu nada como aquele prazer em toda sua vida.

A chance de estar com ele, conhecê-lo, amá-lo, mesmo que por pouco tempo, foi mais do que ela esperava até agora.

Beijou-a rapidamente antes de caminhar para a caminhonete dele, dando-lhe outro raio de esperança. Enquanto o seguia de volta para a delegacia, ela se forçou a se conter, não fazer planos para um futuro que podia não acontecer. Aproveite o presente, ela se avisou. Aproveite o que tem agora.

Era mais do que esperava.

Estacionou ao lado da caminhonete dele na delegacia, ela sorriu enquanto trancava seu carro, sentido ele atrás dela.

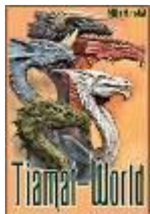
A mão dele deslizava na parte mais baixa de suas costas sobre seu quadril ao caminharem para o escritório dele e entraram nos domínios de Mae Livingston.

— Mae, Hannah vai conversar com você um pouco. — Disse para a mulher enquanto se dirigia para a porta de seu escritório.

— Eu vou me certificar que ela tome cuidado, Rick. — O sorriso de Mae foi acolhedor e caloroso quando Rick beijou Hannah, no rosto desta vez, e desapareceu em seu escritório.

— Ai! Ai! Ai! — Mae levantou as sobrancelhas enquanto Hannah sentia um leve rubor cobrir seu rosto. — Agora isso é um acontecimento.

— Você não está mais surpresa do que eu. — Hannah disse com um leve sorriso.



— Mas muito feliz. — Ponderou Mae, os olhos cinza pensativos olhando para Hannah. — E eu acredito que vi o nosso xerife sorrindo. Você sabe quanto tempo faz desde que ele sorriu, Hannah?

Ela negou com a cabeça, seu coração disparou no peito com mais um motivo para ter um raio de esperança.

— Eu acho que foi um caminho muito longo. — Mae suspirou. — Até mesmo, antes da morte de Sienna. Eles não se davam bem em nada nos últimos anos antes dela ser sequestrada.

Hannah abaixou a cabeça antes de olhar para a porta do escritório de Rick.

— Sim, ele ficaria chateado se me pegasse falando sobre isso. — Mae concordou com voz séria com o pensamento não dito de Hannah. — Mas é bom vê-lo sorrir. E é bom saber que ele está com você, Hannah. Sienna não fez muito para fazer aquele homem feliz, não se importava o quanto ele era fiel a ela. — Ela balançou a cabeça tristemente. — Ela era uma estranha.

— O detetive no caso acha que ele é o motivo de alguém me fazer de alvo. — Ela disse para a secretária. — Por causa de Sienna ou algo em que ela estava envolvida.

Mae franziu a testa ao ouvir aquilo.

— Há um monte de boatos. — Ela disse finalmente. — Você sabe que algumas pessoas podem ser muito loucas.

— Infelizmente, eu. — Hannah admitiu.

— Rick não ficaria feliz se isso for verdade. — Afirmou Mae. — Ele seria atormentado pela culpa, Hannah. Você teria que esperar muito tempo para passar essa culpa se for verdade.

Em outras palavras, poderia perdê-lo. Hannah ia começar a pedir conselhos a Mae sobre como evitar que aquilo acontecesse quando a porta ao corredor abriu e um homem entrou.

Shawn Grayson. Hannah logo reconheceu o irmão mais velho de Rick. Ele era da mesma altura que Rick, o mesmo cabelo loiro escuro, mas seus olhos eram azuis e não castanhos, e seu corpo magro, não era tão grande ou musculoso como Rick. Ele também não era muito agradável.

Ele parou quando a viu, seu olhar se encheu de divertimento.

— Hannah Brookes. — Ele murmurou se aproximando da cadeira dela. — Há quanto tempo.

— Olá, Shawn. — Ela acenou com cabeça quando ele se sentou na ponta da escrivaninha de Mae e a encarou.

— Ouvi dizer que você está vendo o nosso bom xerife. — Ele sorriu. — Vocês estão se divertindo?

— Essa parte da informação viajou rápido. — Ela afirmou.

— Como acontece normalmente com uma boa fofoca. — Ele riu, seus lábios se curvaram com diversão antes de ficarem sombrios. — Ouvi que você teve problemas em casa também. Rick está verificando isto?

— Estamos conversando sobre uma velocidade supersônica. — O tom de Mae foi cortante. — Essa parte da fofoca realmente viajou.

Shawn se virou com um olhar zombador para a secretária.

— Cheguei há três dias e todo o mundo que encontro adora me encher de notícias sobre o meu irmãozinho. — Ele riu. — Eu querendo ou não ouvir sobre ele.

— Sem dúvida. — Mae pigarreou. — Você quer ver Rick ou só veio aqui para ver o que é verdade ou não?

Ele riu, se levantando.

— Eu só preciso de um minuto do tempo dele, mas ele pode esperar.

— Bom. — Mae murmurou. — Ele nunca fica de bom humor depois que você o visita.

— Sim, pois é como nos damos bem. — Ele disse, rindo, antes de voltar a Hannah. — Rick nem sempre é a pessoa mais calma no mundo, você sabe. Deixava Sienna louca com sua possessividade.

Aquilo era uma surpresa, porque não era o que ela ouviu por muitos anos. Sienna é que deixava Rick louco com sua possessividade e a sua recusa em se acalmar. Sienna nunca foi do tipo "caseira e dona de casa".

— Tenho certeza que posso lidar com ele. — Ela garantiu a ele foi então que Rick abriu a porta de seu escritório e saiu.

Sua expressão se iluminou ao ver seu irmão.

— Quando você chegou?

— Há alguns dias. — Shawn sorriu para ele. — Só preciso de um momento do seu tempo, se você não se importa, mano... Então você pode voltar para sua namorada.

Rick concordou piscando para Hannah e fechou a porta depois que Shawn entrou em sua sala.

— Vamos esperar que ele não faça Rick se irritar. — Mae suspirou. — Shawn tem esse hábito.

— Irmãos. — Hannah riu. — Os meus me aborrecem em cada possibilidade que podem.

Mae sorriu.

— Tenho irmãs, então nunca tive problemas.

Apesar da previsão de Mae, Rick ainda sorria quando ele e seu irmão saíram de sua sala. Shawn partiu com um adeus e Rick se virou para ela com a testa franzida.

— Pronta?

Hannah assentiu com cabeça se levantando da cadeira.

— Até logo, Hannah. — Mae sorriu se despedindo quando saíram.

— Essa é a primeira vez que vejo Shawn em anos. — Hannah comentou enquanto caminhavam pelo corredor.

— Ele vem aqui algumas vezes por ano. — Rick encolheu os ombros. — Consegue agitar todo mundo depois vai embora de novo.

Ela riu da afirmação. Isto soava a Shawn.

Ele a acompanhou até o carro e em poucos minutos Hannah seguia a caminhonete dele para fora da cidade e em direção à pequena fazenda que ele possuía. Não era uma fazenda grande para trabalho. Algumas cabeças de gado, dois cavalos. A casa térrea da fazenda foi construída embaixo de imensas árvores muito altas que a protegia e criavam uma atmosfera de paraíso.

Quando entraram na casa, Hannah se viu nos braços dele, e logo depois os lábios dele tomaram os dela, seu beijo alimentou o fogo que começou a incendiar lentamente dentro dela quando ele a tocou no quarto da casa dela.

Havia alguma coisa no beijo de Rick que alimentava uma fome sensual dentro dela que não sabia que possuía. Uma fome que parecia sair do interior dela e atear fogo em seus sentidos, fazendo-a perceber que antes de Rick experimentou muito pouco prazer.

Seus braços envolveram o pescoço dele, abriu a boca embaixo da dele e fundiu-se nele, como sempre sonhou em fazer. Havia domínio, força e uma segurança em cada toque das mãos dele, em cada golpe de sua língua.

Quando ele a ergueu para mais perto, ela sentiu uma sensação de segurança nos seus braços dele que sempre tinha faltado a ela. Com ele, sabia que sempre seria protegida, sempre segura. Ele podia alfinetar sua confiança, mas se ele a amasse, então não tinha dúvida de que nunca teria de temer nem a ele nem a mais ninguém.

Quando ele finalmente levantou a cabeça, seu olhar era sombrio, apesar de estar cheio de excitação.

— E se eu não quiser deixá-la ir embora depois que tudo isto acabar, Hannah? — Ele perguntou de repente. — E se não quiser que vá embora?

Ele estendeu a mão e tocou seu rosto, ela sorriu, sabendo que seu sorriso mostrava muita esperança.

— E se eu não quiser partir? — Ela perguntou a ele em vez de responder. — E se eu quiser ficar quando isto acabar, Rick?

Capítulo 7

Ele estava se apaixonando por ela.

Quando eles fizeram um jantar leve, dividiram a cozinha, riram e se tocaram, emocionado Rick começou a perceber que perdeu muito mais do mais do que pensava em seu casamento com Sienna.

A intimidade simples que ele já compartilhava com Hannah nunca esteve presente entre ele e sua esposa. Ela não quis cozinhar desde a primeira semana que ficaram juntos e era algo que Rick nunca pensou que desfrutaria com ela. Ele se acostumou a cozinhar para si mesmo, então ele nunca pensou em pedir que ela cozinhasse, até que Kent nasceu. E até aquele momento, ele soube que Sienna nunca concordaria com aquilo.

Ele e Hannah limparam a cozinha juntos. Mais uma coisa entre muitas outras que ele nunca pensou em compartilhar com sua mulher.

Eram coisas simples. Rir quando ela sacudiu espuma em cima dele, beijar o rosto dela, ou simplesmente tocá-la quando guardava a louça.

Havia um senso de companhia embaixo da estimulação, um conhecimento que ele pudesse tocá-la como agradasse a ele, que ele pudesse estar confortável com ela.

Ele soube no ano passado. Dois encontros com ela, uma semana de telefonemas esporádicos e soube que ela já tinha tocado seu coração. Ele fugira. Como um covarde do caralho ele se forçou a sair da vida dela porque sabia que não poderia se enfrentar contando a verdade sobre seu casamento com Sienna.

Eles viveram uma mentira por oito anos. Desde o momento que casaram até quando ele percebeu que ela estava envolvida com a Milícia do Colarinho Preto e as mortes que assolavam a região por anos.

Sua esposa foi a informante no escritório. Foi ela que deu à milícia informações sobre quando os agentes e as investigações eram concentrados na região.

Não que ele tivesse falado alguma vez para ela, mas ela tinha acesso ao seu escritório, ao seu computador e suas anotações. E Sienna apesar do resto das suas faltas, era perceptiva. Ela sabia o que procurar em uma pessoa, suas fraquezas e suas forças, ela conhecia um agente quando ela via um.

E ela soube como enganá-lo, apesar da desconfiança que crescera entre eles.

Ele suspeitou por anos que ela o enganava, mas nunca a pegou. Simplesmente ele teve uma intuição, algo que ele não podia provar.

Quando Hannah foi ao celeiro com ele para alimentar os cavalos, ela trabalhou ao lado dele. Ela não perguntou o que tinha que fazer para ajudar, soube logo o que fazer. Ela não se preocupou se sujaria as mãos e não se importou que ele risse dela.

Rick percebeu por que fugiu dela no ano passado. Porque sabia que estava se apaixonando. Sabia que resistir a ela era algo que simplesmente não conseguia fazer.

E como agora, aquilo o assustava muito.

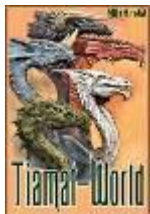
Depois que voltaram para casa, ele trancou a porta e acionou o alarme, enquanto Hannah tirava seus tênis e ia para a cozinha.

Estava anoitecendo. As cores suaves e esmaecidas do pôr do sol brilhavam através das janelas da cozinha, banhando-a com uma cor dourada.

Ele notou muito aquilo nos últimos dias. A luz do sol amava Hannah, acariciava seus traços e parecia entrar por sua pele iluminando seu interior.

Andou até ela, envolveu-a em seus braços e puxou-a contra ele. Ele ainda estava duro por causa dela. Ele a possuiu tantas vezes que sua fome devia ter aliviado, pelo menos por enquanto... Mas ele não estava. A fome por mais parecia ter se instalado em suas entranhas e a reserva que ele esperava sentir não estava lá.

— Eu preciso tomar banho. — Ela murmurou quando os lábios dele acariciavam seu pescoço.



Mas Hannah não se afastou dele. Ela nunca se afastava. Não importa quantas vezes ou como ele a tocasse, ele sempre estava pronta para ele.

— Eu poderia lavar suas costas. — Ele mordeu seu pescoço, adorando o gosto selvagem e doce de sua pele.

— Você pode fazer isso. — Ele ouviu o tom risonho na voz dela e ele adorou aquilo.

Inferno, ela estava se entranhando em seu coração de um jeito que ele sabia que nunca mais se libertaria.

Pegando a mão dela, ele a puxou para o quarto, e depois direto para o banheiro. A ideia de possuí-la no chuveiro era mais do que podia suportar. Seu pau já estava forçando o zíper, exigindo ação.

No banheiro, ele ajustou a água do chuveiro antes de ligar para ela. Ele despiu-a lentamente, como se desembrulhasse um presente. Seu próprio presente. Somente para ele. Revelando cada centímetro sedoso e macio de seu corpo quando ele deixou as roupas caírem ao chão.

Quando Hannah ficou nua, a levou para o chuveiro, embaixo do jato d'água, antes que ele pudesse tira suas próprias roupas. Ele praticamente as arrancou, lançando-as de lado, em seguida entrou embaixo do jato d'água junto com ela.

Estava com vapor no espaço fechado, enchendo com uma sensualidade erótica que os envolveram e quase matou Rick de desejo.

— Eu sonhava em ter você aqui, assim como agora. — Rick disse a ela, as palavras saindo naturalmente dos seus lábios.

— Eu sonhava em estar aqui com você. — Hannah admitiu enquanto passava xampu em seus cabelos e o lavava lentamente.

A espuma juntou e escorreu pelo corpo dela quando ele espalhou o xampu pelo exuberante cabelo dela, depois enxaguou e fez o mesmo com um suave condicionador que ela trouxe de casa. Quando ele acabou, Hannah o empurrou, então o pegou de surpresa fazendo o mesmo com ele. Ele se submeteu, se inclinando para ela e observando-a lavar os cabelos dele, as mãos dela se moviam pelos fios de seus cabelos como se os adorasse.

Eles deram banho um no outro. Enquanto Rick a lavava, ele a beijava. Ele moveu a espuma sobre os seios, a barriga e entre as coxas dela. Quando esfregou as pregas da xoxota com a toalhinha macia, ele se glorificou nos gemidos dela.

Então ele gemeu quando ela insistiu em fazer o mesmo com ele. Os movimentos acariciantes quase foram sua ruína quando ela foi para o seu pau e o lavou como se não pudesse se dar ao luxo de perder um único lugar.

Tomar banho com ela era uma aventura. Aquilo era uma coisa que Rick sabia que ele ia querer e precisaria repetir, mais e mais.

Até o momento que ficaram limpos da cabeça aos pés, as risadas tinham acabado em gemidos estrangulados, a espuma foi substituída pelo borrifo suave da água que enxaguava seus corpos, então ele a pegou em seus braços.

Seus lábios devoravam os dela como se nunca a tivesse beijado antes, como se nunca tivesse acariciado o corpo de uma mulher. Ele estava com tanta fome por ela que parecia fazer quatro vidas e não quatro anos que não tocava uma mulher.

Mas por outro lado, ele nunca tinha tocado o corpo de Hannah. Os últimos dias pareciam um sonho do qual ele não queria acordar.

Seus lábios foram para os seios inchados, cobriu um mamilo duro e chupou. Ele olhou para ela enquanto chupava a ponta dura, vendo seu rosto corar, seus olhos escurecerem.

Ele tateou procurando na pequena prateleira ao lado, agarrou o preservativo já aberto que ele tinha posto ali mais cedo e apressadamente o rolou sobre o seu pau. Ele sabia que não aguentaria por muito tempo. Que pena, mas precisava muito dela agora.

Hannah lançou as mãos nos cabelos dele para puxá-la para mais perto se arqueando contra ele, gemeu quando ele levantou para que ela pudesse enrolar suas pernas envolta da cintura dele.

Ela era tão doce, tão delicada em seus braços. Era como segurar uma chama, que o aquecia de dentro para fora.

Primeiro ele lambeu um mamilo, depois o outro, então ele a ergueu e deixou que a cabeça do pau se pressionasse contra as pregas suaves entre suas coxas e depois se apertou contra ela.

Ele levantou a cabeça e viu os olhos confusos.

— O que há de errado? — Ela ofegava de prazer olhando para ele, fincando as unhas em seus ombros, apertando suas coxas em volta dele.

— Eu quero ver. — ele sussurrou. — Quero ver seus olhos enquanto fodo você, Hannah. Não os feche.

Ela respirava forte, pesadamente, um pequeno gemido fugiu de seus lábios, seus olhos escureceram quando ele a penetrou mais um pouquinho, abrindo-a mais enquanto a encarava.

— Eu adoro olhar você. — Rick admitiu. — Ver seu rosto corar, seus olhos se tornarem sonolentos e escuros enquanto estou te fodendo.

Seus longos cabelos lisos e molhados se espalhavam sobre os ombros como uma capa escura que contrastava com suave maciez na pele pálida dela.

Ele pressionou de novo, sentindo os músculos da xoxota apertarem em volta da cabeça do pau.. Ele sentiu a pressão apertando suas bolas enquanto o desejo de gozar quase quebrava sua vontade

Ele mal se lembrava de ter posto um preservativo, e lamentou que não pudesse possuí-la sem um. Ele queria sentir a boceta dela segurando-o, agarrando-o, carne contra carne, e prometeu a si mesmo que um dia, em breve, ele faria aquilo.

O aperto firme e quente de sua xoxota era o próprio êxtase. Ela palpitava em torno de seu pau enquanto ele se movia fodendo dentro dela, a sentia se esticando e queimando em volta dele.

Isso não se parecia com nenhuma outra experiência que ele já teve antes. Isso não parecia com nada que ele conheceu antes. E ele queria mais. Queria que durasse para sempre. Queria gozar dentro dela, saciar sua fome e abraçá-la enquanto ele dormia.

— Rick. — Ela gritou seu nome, seus lábios se movendo sobre os ombros, pescoço, queixo dele. — Oh, Deus. É tão bom.

Era muito bom. Era o paraíso. Era o calor e a vida, e ele não sabia como poderia sobreviver sem ela agora. Não podia imaginar deixá-la ir embora. Não podia imaginar não tocá-la novamente. Não podia imaginar que um dia não tivesse seu beijo, seu sorriso ou suas gargalhadas.

Ou isso. As pernas dela em volta de sua cintura, seus lábios em seu ombro, os dentes raspando, beliscando-o, enquanto ele se empurrava dentro dela, enchendo-a com seu pau. E quando ela gozasse, ela o morderia quando tentasse conter os gritos.

— Sim. — Ele gemeu, sentindo a xoxota apertando em volta do seu pau como um pequeno alicate quente, tentando prendê-lo no interior. — Tão doce, querida. Tão doce.

Hannah gritou seu nome quando ele se moveu mais duramente, mais rápido, fodendo dentro dela com uma fome tão desesperada que o surpreendeu de verdade. Ele se surpreendia toda vez, com aquele desespero, aquela necessidade dolorosa e com a satisfação que ela podia inspirar dentro dele.

Aquela necessidade crescia dentro dele agora. Rick sentia o aperto quente de sua boceta aumentar em volta de seu pau enquanto ela se aproximava do orgasmo. Suas unhas se fincavam em seus braços enquanto que seus pequenos dentes afiados apertavam seu ombro.

Deus, ela ia gozar. Ele podia sentir os músculos da boceta se apertar mais forte em volta dele, flexionando, vibrando, até que com um grito rouco ela cedeu ao prazer. Os dentes dela se trancaram na sua carne, o seu corpo arqueou contra ele, apertando as coxas, sua xoxota se contraia, ordenhando e apertando o pau até que ele não teve outra escolha senão segui-la no orgasmo.

A mão dele se apoiou contra a parede do chuveiro lutando por força para manter aos dois de pé. Seu orgasmo bombeou dele, enviando as ondas quentes de relâmpago de êxtase que correu de suas bolas até a base de sua espinha onde explodiu numa sensação de prazer tão intenso que os joelhos dele enfraqueceram.

Ele se perdeu nela. Ele derramou uma parte da sua alma na dela e ele jurou que sentiu que uma parte dela entrou nele. Eles se trancaram juntos mais do que apenas fisicamente. Algo mais ligavam eles agora, era algo desconhecido, mas tão intenso e satisfatório que ele não podia lutar contra aquilo. Ele não queria lutar. Ele queria ficar ali, com aquele prazer que fluía entre eles para sempre.

E ele podia ter, mas a água quente começou a ficar mais fria, avisando-o que logo a sua pele quente receberia um frio que eles não queriam.

Descendo sua amante sonolenta no chão, Rick apoiou-a enquanto desligava o chuveiro e tirava seu preservativo.

Puxando duas toalhas fofas do porta toalhas do lado de fora do box, ele secou-a suavemente. Levou um bom tempo para ter certeza que toda água foi retirada antes que ele a expusesse ao ar mais frio fora do box. Enrolando o cabelo dela em outra toalha, ele respirou fundo, satisfeito quando ela se apoiou contra a parede do banheiro e olhou enquanto ele se secava rapidamente.

— Uma fantasia baixa. — Murmurou Hannah, seu olhar correndo por seu corpo enquanto ele vestia uma calça limpa.

— Uma fantasia de chuveiro, hum? — Rick sorriu. Ele não pode deixar de sorrir. Porra, mas ela o fazia feliz. Ele não tinha sorrido por muitos anos, que se lembrasse.

— Bem, tenho de admitir, mas sim, você foi definitivamente melhor do que a fantasia. Uma fantasia de chuveiro.

Hannah parecia um duende parada ali tentando provocá-lo com apenas uma toalha enrolada a sua volta.

Fechando o zíper do jeans, ele estendeu a mão para o roupão pesado pendurado atrás da porta quando ele congelou de repente, seu olhar encarando o celular que tinha posto no balcão do banheiro.

Antes que Hannah pudesse entender o que acontecia, ele mergulhou o banheiro na escuridão, apagando as luzes e puxando as costas delas, ele pôs a mão nos lábios pedindo silêncio.

— O alarme. — Rick sussurrou em sua orelha enquanto ele apressadamente a ajudava a por o roupão. — Há alguém na casa.

Hannah o olhou com horror.

— Alguém conseguiu entrar em sua casa?

— A ajuda está a caminho. — Ele empurrou-a mais para trás da parede. — Fique aqui. Fique quieta.

Ajuda? A caminho? Ele dependia de alguém para sair daqui, da cidade para ajudá-los? Ela o olhou, lutando contra o medo esmagador de que ele fosse tirado dela agora.

Ela não podia perdê-lo. Ela acabava de tê-lo. Ela lutou por dois anos para fazê-lo vê-la, encontrar finalmente nos olhos dele os sentimentos que ela teve por ele nos últimos dias. E agora, alguém tentava afastá-lo dela.

Hannah sacudiu a sua cabeça desesperada.

— Eu posso ajudar. — Ela manteve sua voz o mais baixo possível. — Posso usar uma arma, Rick. Não me deixe aqui.

Ela não podia lidar com o pensamento dele. Que ele enfrentaria o perigo sozinho.

— Espere. — A voz de Rick era dura, brutal enquanto a empurrava de volta para o box com o chuveiro. — Por favor, Hannah. Deixe-me fazer isto. Não me deixe perder você, querida. — Ele tomou seu rosto nas mãos, seus olhos sombrios ao olhar para ela. — Pelo amor de Deus. Não me deixe te perder agora que tenho você.

Ela o olhou, seu coração na garganta, medo corria por seu corpo agora, quando ele saiu do banheiro e desapareceu na escuridão.

Agachada, Hannah escutou, tentando ouvir por cima das batidas de seu coração e se prometendo, jurando, que quando aquilo passasse ela chutaria o traseiro dele por deixá-la assim, por não levá-la com ele. Como se ela fosse incapaz. Quantas vezes ela teria que lembrá-lo? Que ela tinha três irmãos. Irmãos mais velhos. Irmãos fuzileiro navais bem treinados. Ela não era uma mocinha desamparada que não sabia atirar com uma arma.

Hannah podia não saber como lidar com espreitadores enquanto seus irmãos estavam longe em uma missão, mas ela sabia atirar em um quando ele mostrasse a cara feia na frente dela.

Ela quis uma boa desculpa para ver Rick. Uma razão para vir até ele. O arrombamento de sua casa serviu muito bem àquele objetivo. Mas agora ele pensava que ela era indefesa como uma criança.

Mordendo seu lábio, ela escutou atentamente, segura de que seu coração batia tão alto que um espreitador surdo poderia ouvir.

Ela não podia ouvir coisa nenhuma. Nem o ranger de uma tábua de assoalho, uma respiração, ou uma luta. Hannah estava no escuro em mais de uma maneira e seus nervos estavam à flor da pele.

Que Deus a ajudasse se ela o perdesse. Se Rick achava que morreria se a perdesse, então ele não tinha nenhuma ideia do que faria a ela, se o perdesse.

***

RICK se movimentou pela casa escura, segurando a arma firmemente ao lado de sua cabeça enquanto procurava o intruso que conseguiu entrar.

Ele sentia o celular no bolso, uma série de vibrações silenciosas que lhe deram a certeza que a ajuda estava a caminho. Ele esperou isto por dois anos, viveu com medo de que aquilo acontecesse quando Kent estivesse na casa, e agora seu coração estava na garganta porque Hannah estava aqui, no meio do perigo que ele era responsável de levar até a casa dela.

Algumas pessoas podem ser capazes de entrar em sua casa sem acionar o alarme principal. Mas ninguém podia suspeitar que houvesse um segundo alarme silencioso. Sua instalação era tão precisa, tão bem escondido por trás do sistema principal, que faria alguém que soubesse do código secreto tropeçar no segundo alarme.

E só Rick e a Elite Ops sabiam daquele sistema.

Seu peito doeu ao pensar que apenas algumas pessoas poderia ter passado a senha secreta que ele usou para o sistema principal. Apenas outra pessoa sabia. E era a pessoa que ele havia suspeitado, a pessoa que ele orou para que estivesse enganado.

Ele orou para que Hershel e Sienna fossem os únicos próximos a ele que o traíram. Ele tentou se convencer nos últimos dois anos que a falta de ação era a prova de que eles eram os únicos.

Mas agora, soube que estava errado.

Pelo menos Kent não estava aqui, ele disse para si mesmo, sofrendo com a traição. Seu filho estaria apavorado.

Deslizando silenciosamente para a sala de estar, ele pegou a ligeira mudança de movimentação na entrada da cozinha. Alto, magro. O intruso saiu da sala, indo para o quarto enquanto Rick o seguia rapidamente, silenciosamente.

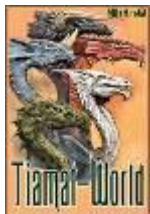
Ele estava quase em cima do intruso. Podia ver seu perfil inclinado, a máscara escura que cobria seu rosto para escondê-lo da câmera ativada pelo segundo alarme.

Ele não precisava ver seu rosto. Ele sabia quem era.

Capítulo 8

ENTRANDO no quarto logo atrás do intruso, Rick acendeu as luzes, pulando para o lado quando o tiro de uma arma silenciosa explodiu.

Ele se moveu a tempo. Levantou a própria arma, mas antes que pudesse atirar, a figura saltou para o banheiro e o medo cortou sua alma.



Ele correu até a porta, o medo cortando-o enquanto ouvia o pequeno grito enfurecido de Hannah. Em vez de medo, pareceu mais com uma fúria horrorizada enquanto xingava violentamente.

A luz acendeu e ele sofreu ao ver que ela era usada como um escudo de proteção para o intruso atrás dela, os lindos olhos verdes olhando furiosamente para ele.

— Eu te disse para deixar uma arma comigo. — Ela lutava contra a mão que prendia as mechas do seu cabelo molhado até que o cano do silenciador encostou na base do pescoço dela num aviso mortal e ele fitou nos olhos cinza triunfantes de Mae.

— Você quase me pegou. — Ela disse enquanto tirava a máscara fora e a jogava ao chão do banheiro. — Como soube que eu estava aqui?

— Porque ele é mais inteligente que você, não é mesmo? — Hannah respondeu sarcasticamente.

— Ela é uma cadela, Rick. — Mae riu antes de puxar violentamente o cabelo de Hannah e arrancar um grito surpreso dos lábios dela apertando mais a arma contra seu pescoço.

— Por quê? — Ele perguntou a ela, mantendo a arma com cuidado ao longo de sua coxa enquanto ela o olhava nos olhos. — Porque, Mae? Eu confiei em você.

Ela riu disso. Não foi mais do que esperava dela.

— Você confiou em mim? — Ela perguntou divertida. — Esse foi seu primeiro erro, Rick. Confiar em mim. Depois do que seu pai fez comigo, deveria saber mais.

Seu pai. Ele se casou com a mãe de Rick em vez de Mae. Seu pai contou a ele que no passado ele teve um namoro muito rápido com Mae e decidiu terminar tudo porque o temperamento dela era forte demais para ele controlar. Algumas semanas depois seu pai conheceu a meio-mexicana Maria Lopes e em poucos meses se casaram.

Mae parecia ter deixado o passado ir facilmente. Ela se casou com Aaron Livingston, teve um filho e os enterrou vários anos antes da morte de Sienna. O filho morreu no Iraque; o pai dele teve um ataque cardíaco um ano depois.

Ele sacudiu a cabeça dele cansadamente.

— Isto não é sobre meu pai. — Rick disse tristemente. — Nós dois sabemos disso muito bem.

— Ele se casou com uma puta mexicana suja. — Ela disse zombando. — Ele não conseguiu nenhuma porra mais decente, ele teve que foder aquela cadela mexicana, não foi?

A mãe dele não era e nem foi uma cadela. Ela era gentil, doce e cheia de alegria. Da mesma forma que seu pai era.

— Você fez parte da milícia. — Ele disse olhando para o rosto de Hannah com a visão periférica. Ele soube o que estava por vir. Ele sentia aquilo. Podia ver o triunfo e a maldade no rosto de Mae e ele soube.

— Assim como Sienna. — Ela disse rindo. — Costumávamos rir de você, sabe. Nós estivemos bem, não é, Rick? Nós o enganamos o tempo todo.

— Você me enganou. — Ele admitiu. Ele sabia o tempo todo que fosse quem fosse que o traia que estava no departamento era bom, muito bom. Se fosse só Sienna, ele entenderia. Ela era sua esposa, ela tinha acesso a partes da sua vida e do seu serviço que os outros não teriam. Ela e Mae, juntas, foi incrivelmente fácil enganá-lo.

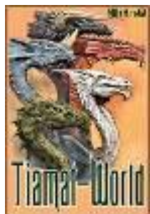
— E você matou Sienna. — Disse Mae.

Ele quase não conteve o tremor que percorreu seu corpo com aquela afirmação maldosa.

Ele olhou para ela silenciosamente enquanto ela ria de prazer.

— Ele te contou que matou a esposa? — Mae perguntou a Hannah, puxando seus cabelos de novo. — Sua doce e amada esposa. — Ela tocou sua nuca. — Ele te contou isso? Ele te contou como facilmente ela o enganou? Que ela era uma diversão para a milícia? Uma pequena prostituta de campo com um gosto pela cocaína. Deus, ela era tão boa em enganá-lo, era incrível. E tão divertido.

Hannah olhou desesperada para ele, olhos que brilhavam cheios de exigência, quase um aviso ao olhá-la. Como se a informação que Mae lhe dava não importasse. Porque Hannah não se importava que ele tivesse matado sua esposa. Ela não se importava que a mulher dele fosse viciada em cocaína, traído o marido, os seus amigos, a sua comunidade.



— Estou feliz por ter se divertido. — Disse Rick calmamente.

— Foi divertido. — Mae respirou com um ar de tédio apertando mais a arma contra o pescoço de Hannah. — Não estou mais me divertindo. Você traiu Sienna, Rick, e o BCM cuida dos seus. Eles vingam os seus. Esta noite, você vai assistir sua nova amante morrer. Depois eu vou te matar

Rick olhou de novo nos olhos de Hannah. Viu um aviso.

Ela tinha três irmãos. Aquele pensamento bateu na mente dele repentinamente. Três irmãos que foram fuzileiros navais. Eles a ensinaram a se proteger?

O maxilar de Rick enrijeceu lutando contra os instintos ferozmente protetores que aumentaram dentro dele agora. Ele tinha que confiar nela. O que ela lhe dizia com os olhos. Ela queria que ele confiasse nela.

— Diga a ela um lindo e doce adeus, Rick. — Sugeriu Mae rindo loucamente, seu olhar cheio de raiva e ódio malicioso.

— Hannah. — Ele sussurrou seu nome, dando um minúsculo aceno de cabeça quase imperceptível.

Mae moveu a arma uma fração longe do seu pescoço, apenas o suficiente para ela poder engolir, levantar a sua cabeça um pequeno grau. Ele olhou em seus olhos, viu a confirmação da ordem em seu olhar. E logo ela entrou em ação.

Ela se moveu, dando um chute e seu cotovelo virou ao mesmo tempo ela conseguiu surpreender Mae o suficiente para puxar sua cabeça para frente.

Mae não esperava que ela fizesse um movimento. Ela pensou que eles apenas morreriam? Fossem como cordeiros para o abate?

Enquanto Hannah lutava, o banheiro pareceu explodir. O braço de Rick subiu e ele atirou, assim como as janelas do banheiro se quebraram, figuras de preto voam pelas aberturas. Rick agarrou Hannah, puxando-a para seus braços, arrastando-a com ele.

Ele acertou Mae, sabia que tinha. Os homens que entraram pelas janelas não eram inimigos, eles eram amigos.

A Elite Ops correu pela sala, tão silenciosos quanto a noite após o choque contra as janelas. Alguns agarraram Mae, prendendo-a, verificaram seu ferimento, enquanto os outros correram para proteger a casa.

Foi irreal. O alívio percorreu Rick, com uma força que o deixou tão fraco que se abaixou, virou Hannah para ele e a olhou em estado de choque.

Ela ria. Seus olhos verdes estavam iluminados de vida, amor e aventura. E ela ria.

— Três irmãos. — Ela levantou seus braços, envolveu o pescoço dele abraçando-o, se levantou e pressionou os lábios nos dele num rápido beijo. — Lembre-se, Rick. Três irmãos.

Três irmãos. Ele sentiu um sorriso se abrir em seus lábios, sentiu subir o medo e a dor que apertou seu peito, apenas o bastante para que ele pudesse respirar.

— Eu amo você. — Ele sussurrou, suas mãos envolveram seu rosto enquanto a olhava, ele sentiu dentro de si algo que ele nunca sentiu em toda sua vida. — Eu amo você, Hannah.

A expressão dela iluminou a sua alma. Todo amor, toda vida que ele jamais poderia ter imaginado ou sonhado ter.

— Você finalmente me enxergou. — Ela sussurrou.

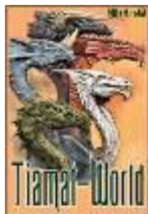
Rick acenou com a cabeça lentamente.

— Eu sempre olhei para você, Hannah.

— Não. — Ela tomou seu queixo com a palma da mão, o amor brilhando em seus olhos, em seu rosto. —Você não me enxergou antes, mas agora você me viu. Agora você me tem, Rick. — Seu polegar acariciou os lábios dele. Eu amo você.

Ela o amava. Ela o amava no ano passado. Ia amá-lo no próximo ano. Ele podia sentir aquilo, ele sabia que sim.

— Minha sorte está mudando. — Ela disse baixinho. — Está mudando, não é?



— A minha definitivamente mudou. — Ele afirmou, ajudando-a a se levantar. — Finalmente tive sorte. — Ele passou seus braços em volta dela, segurando-a contra ele e desviou o olhar para longe, para ver Mae ser levada rapidamente da casa. — Nós dois temos sorte.

E eles tinham.

Mae ainda estava viva e ela não veria uma prisão. Pelo menos não uma tradicional. Ela tinha informações que os Ops precisavam. Portanto ela seria bem cuidada. Seu desaparecimento seria explicado. Mas, ele tinha Hannah. Se a sorte dela mudou, então com certeza a dele mudou também.

Ele tinha Hannah, tê-la e amá-la, era o que importava. Sua sorte definitivamente havia mudado.

FIM



Comu Tiamat: http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7
Twitter: http://twitter.com/tiamatworld
Grupo: http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR
Blog: http://tiamatworld.blogspot.com/